



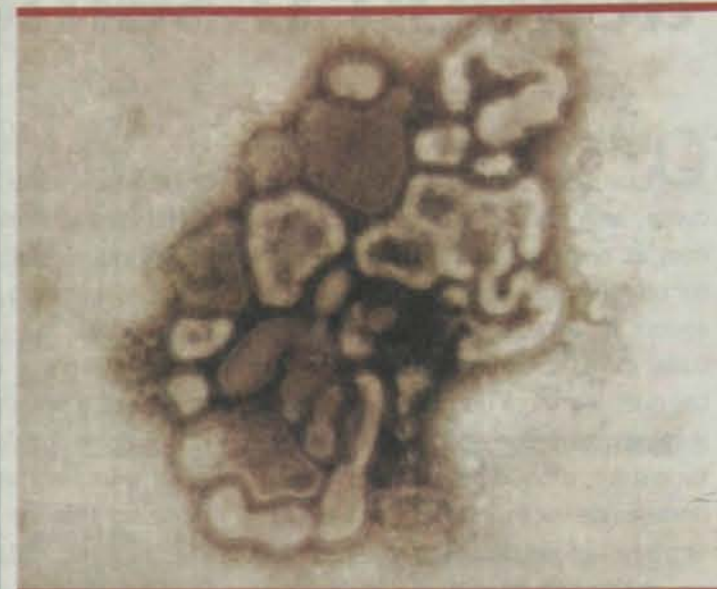
O jornal de estudantes
de medicina da USP



São Paulo, Junho de 2009 - Ano LXXIX - Edição nº 05

FUVEST: 2010?

NA EDIÇÃO DE MAIO DE O BISTURI, as mudanças pelas quais a prova da FUVEST passaria ainda esse ano foram brevemente analisadas. Foi decidido que a prova de geografia completará a triade de provas da segunda fase para aqueles que prestarão medicina e que tal medida seria implantada ainda esse ano. Tal decisão, no entanto, não agradou a alunos nem a professores da Casa, que consideram uma mudança tão repentina e sem o embasamento de uma discussão prejudicial à seriedade e à respeitabilidade de uma instituição como a FUVEST. *Páginas 10 e 11.*



Pandemia

SURTO DE UMA DOENÇA com distribuição geográfica muito alargada, como nos explicam os dicionários. Porém não é possível encontrar nestes referências às repercussões humanas dessa disseminação global de, por exemplo, um vírus. *Páginas 4 e 5.*

Anatomia, como sempre

TEMA RECORRENTE nas páginas de O Bisturi, a forma como a anatomia é ministrada para os alunos do primeiro ano não se apresentou muito melhor em 2009 apesar da polêmica do ano passado. O relato inquietante das próximas páginas é apenas mais um sinal de que alguma coisa precisa ser feita - e há pressa. *Página 6 e 7.*

A Universidade Virtual

O PROJETO UNIVESP, POLÊMICA que assola a Universidade de São Paulo, ainda é pouco conhecido pelos alunos. As perspectivas para o Projeto - assim como seus pontos mais debatidos e criticados - são brevemente explanados nessa edição. *Página 14 e 15.*

EDITORIAL

Finalmente, acabou o semestre

O Bisturi chega esse mês após um exaustivo semestre para todo o curso, seja por ter que se acostumar com as novidades da Faculdade, por ter que fugir dos grevistas, por ter que aguentar certas aulas, por ter que estudar demais, trabalhar demais e por ter que lidar com questões novas que surgiram no decorrer do ano. Nesse último item, o CAOC contou com a colaboração de vocês, alunos, para auxiliar na resolução desses problemas.

Um dos pontos, a tão temida mudança na FUVEST, é retratada neste Bisturi com o texto "Fuvest 2010: precisamos de mudanças já?". Entenda qual é a importância da troca de Física por Geografia na segunda fase do exame, quais as consequências que esse evento teria e também como se deu o desenrolar dos fatos após a aprovação dessa alteração. O CAOC teve participação crucial como representante dos alunos nessa questão, porém só chegou a uma decisão sobre o que deveria ser feito após Assembléia Geral com os alunos. Saiba o que foi essa reunião, que decisões foram tomadas, quais são as suas repercussões e o que foi feito após tanta confusão.

Outro problema, que infelizmente se repete ano após ano em nosso curso, é o ensino de anatomia no ICB III. Novamente os alunos do primeiro ano se organizaram para tentar mudar esse quadro, leia sobre as razões da insatisfação, suas conquistas e suas frustrações no texto "Primeiro ano VS. Anatomia", que deixa claro a relação de combate entre esses os alunos de Medicina e uma das matérias mais importantes na formação médica.

Outro fato que agitou os alunos, principalmente dos dois primeiros anos, que têm a maior parte de suas aulas na Cidade Universitária, foi a notícia da greve. Uma de suas reivindicações é a suspensão da UNIVESP, porém nem todos entendem o que significa essa sigla. Leia o texto "Dilema no Campus" para obter mais informações sobre como funciona esse novo sistema proposto e porque ele é tão combatido pelos alunos, para poder participar de debates e formar sua própria opinião sobre o tema.

Como se já não parecesse agitado o suficiente, esse semestre ainda foi marcado pelo surgimento de uma pandemia de Influenza A, que criou preocupações tão grandes que até ocupou o lugar da crise econômica na mídia. Claro que muito já foi dito sobre como a nova gripe funciona e sobre o aumento de sua incidência em nível mundial, assim, repetir o que pode ser lido em diversos jornais seria inútil. Entretanto, o texto "Pandemia! e as muitas faces da doença" mostra um lado diferente dessa situação e propõe um outro tipo de reflexão acerca do caos que se instala com a utilização do termo e a classificação da doença como "pandêmica".

Inicia-se também uma nova seção de debates no Bisturi, que traz como tema do mês o Aborto. Um assunto tão polêmico não poderia ser tratado apenas mostrando-se um ponto de vista, por isso, estimulamos a produção de dois textos por dois alunos, um contra e um a favor do aborto. Com uma diagramação dinâmica e argumentos pertinentes, procuramos tornar o quadro mais atrativo para que mais pessoas contribuam com diferentes textos mostrando diferentes visões sobre um mesmo assunto, estimulando a continuidade dos debates. Intrinsecamente associada às discussões, está a "Ética Médica", que também tem seu espaço no Bisturi desse mês, não para tratar especificamente sobre o aborto, mas para mostrar o histórico da Bioética e qual é o papel de nossa instituição na construção desse estudo.

Finalmente, nem só com problemas está recheado esse semestre. A dinâmica do EMA foi, como mostra o texto "Dinâmica - um começo promissor", bastante produtiva e o EREM desse ano se mostrou agradável e útil, como descrito no texto "EREM 2009 Tempo de mobilização" o que deve estimular a ida de outros estudantes ao evento para contribuir para as discussões sobre a educação médica.

Como se pode perceber, o semestre foi bastante agitado. Então, nada melhor do que aproveitar bem esse período de férias. Boas férias a todos!

e · a · S · e ótica . . .

. . . Desconto à vista: 10%
. . . Facilitamos pagamento



Rua Teodoro Sampalo, 460 - São Paulo - SP

Telefone: (11) 3062-4493

CAOC 2009

Venha para as reuniões do seu
Centro Acadêmico!

Dê a sua opinião, sugira pautas,
e participe da gestão 2009!

Segunda-feira - 12h00
Quinta-feira - 18h00

As reuniões acontecem
semanalmente na sala do CAOC!

PARTICIPE DA CONSTRUÇÃO DE O BISTURI!

Seus textos, resenhas, cartas e opiniões são
essenciais para este periódico.

obisturi09@gmail.com

JORNAL DOS ESTUDANTES DE MEDICINA DA USP

Departamento de Imprensa Acadêmica
Centro Acadêmico Oswaldo Cruz

EDITORES-CHEFES

Caroline Gracia Plena Sol Colacique (96) Filipe Robbe de Siqueira Campos (96)

COLABORADORES

André Silva Saijo (97) Ariel Testasica Trunkel (96) • Bruno Miguel Muniz Oliveira (96)
Flávio Mitio Takahagui (96) • Gabriel Taricani Kubota (96) • Geovanne Pedro Mauro (95)
Guilherme Kenzo Akamine (97) • Heni Debs Skaf (95) • Juliana Barbosa (96) • Mariana
Faccini Teixeira (97) • Maurício Menezes Aben-Athar Ivo (96) • Victor de Almeida Peloso
(94) • Vitor Ribeiro Paes (95)

DIAGRAMAÇÃO E ILUSTRAÇÕES

Volpe Artes Gráficas
Tel: (11)3654.2306

IMPRESSÃO
Gráfica Taiga

TIRAGEM
3.000

Este jornal não se responsabiliza pelos textos assinados. Os textos assinados não refletem necessariamente a posição da gestão. O Bisturi se disponibiliza a publicar cartas-resposta aos textos aqui publicados, mediante envio destes até a data limite para diagramação. Envie textos, dúvidas e críticas para caoc@caoc.org.br.

Parecer sobre as Contas do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz (CAOC) referente ao mês de Maio de 2009

Aprovado pelo Conselho Fiscal do CAOC
Casa de Arnaldo, 12 de Junho de 2009

O Conselho Fiscal do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz CAOC, dando cumprimento ao artigo 22º do Estatuto do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, de 27 de maio de 2008, examinou as Demonstrações Financeiras do CAOC, relativas ao exercício de 01 a 31 de maio de 2009, elaboradas segundo os princípios estabelecidos nos incisos I, II e III do artigo 22º do referido Estatuto, compreendendo: 1- Balancete da Gestão, 2- Demonstração dos Resultados, 3- Demonstrações do Fluxo de Caixa, e 4- Movimentação de Patrimônio.

Os itens 1 e 2 supracitados foram examinados mediante análise de Prestação de Contas e Extrato Bancário Completo; o item 3 foi analisado através do Livro de Fluxo de Caixa; o item 4 foi examinado através do Balancete referente à "Loja do CAOC". Todos os itens analisados estavam complementados por Com-

provantes, Recibos, Notas Fiscais e Notas Explicativas, bem como Relatório da Administração sobre os negócios sociais e principais fatos administrativos do exercício.

Com fundamento nos exames realizados, esclarecimentos prestados pela Tesouraria e pela Diretoria do CAOC, este Conselho é de opinião que as Demonstrações Financeiras e a Prestação de Contas de Maio de 2009 estão em condições de serem submetidas à apreciação e aprovação dos Estudantes de Medicina da Universidade de São Paulo.

É o parecer.

Observação: Na qualidade de relator deste parecer sugiro que os Diretores do CAOC não se furtem em tomar amplo conhecimento dos pareceres emitidos mensalmente por este Conselho Fiscal.

Alan Saito Ramalho

Relator do Parecer sobre o Balancete de Janeiro e Fevereiro do CAOC
Conselho Fiscal do CAOC - 2009

PERFUMARIA DO CAOC

NATURA / AVON À PRONTA ENTREGA
VÁRIAS PROMOÇÕES
DESCONTO À VISTA DE ATÉ 20%

PRESENTES EM GERAL
HIGIENE E TOUCADOR
TUDO PARA O SEU BEM ESTAR.
TEMOS AMWAY

DIVIDIMOS
EM ATÉ 3X
NO CARTÃO VISA

Av. DR. ARNALDO, 455 | SUBSOLO, BOX 4 - COM VERGÍNIA

PRESTAÇÃO DE CONTAS DE MAIO

RECEITAS – Maio

06/mai	Feirinha	R\$ 132,50
08/mai	Aluguel Café CAOC	R\$ 4.441,77
08/mai	Aluguel VG Copiadora	R\$ 1.284,73
11/mai	Anúncio Dathabook	R\$ 520,00
11/mai	Aluguel Dathabook	R\$ 2.545,36
13/mai	Aluguel Perfumaria	R\$ 1.200,00
19/mai	Venda Agasalho CAOC	R\$ 80,00
20/mai	Anúncio O Bisturi Perfumaria	R\$ 150,00
20/mai	Estacionamento Palestrante	
	Debate Saúde	R\$ 14,00
	Lojinha	R\$ 3.475,59
	Armários Locação	R\$ 340,00
TOTAL		R\$14.183,95

DESPESAS – Maio

04/mai	Diagramação do Bisturi	R\$ 2.566,00
04/mai	Compra Aventais	R\$ 1.874,67
04/mai	Transporte Secretária	R\$ 200,00
04/mai	Gastos G4	R\$ 13.654,00
04/mai	Condomínio Imóvel Centro	R\$ 121,00
06/mai	Pipoca Cine CAOC	R\$ 41,40
07/mai	FGTS	R\$ 162,50
07/mai	Assinatura Estadão	R\$ 35,50
08/mai	Cópia Documentos e Reconhecimento de Firma	R\$ 8,90
08/mai	Salário Secretária	R\$ 627,05
11/mai	Bebidas Cervejada	R\$ 176,00
14/mai	Transporte Palestrante - Debate Saúde Complementar	R\$ 833,04
14/mai	Guache	R\$ 13,30
14/mai	Contador Salário	R\$ 240,00
18/mai	Coffee Break - Debate Saúde Complementar	R\$ 850,00
18/mai	Chaveiro	R\$ 24,00
19/mai	Inscrições EREM	R\$ 330,15
19/mai	GPS	R\$ 652,75
20/mai	Locação Filme Cine CAOC	R\$ 3,50
22/mai	Transporte EREM 2009	R\$ 820,00
26/mai	Ease Ótica Anúncio	R\$ 275,00
26/mai	Impressão O Bisturi	R\$ 2.010,00
26/mai	Gastos Papelaria	R\$ 287,60
29/mai	Galões de Água	R\$ 117,00
	Tarifas Bancárias	R\$ 10,46
TOTAL		R\$25.933,82

Receitas	R\$ 14.183,95
Despesas	R\$ 25.933,82
Saldo de Maio	-R\$11.749,87

Saldo Anterior da Gestão	R\$ 27.998,36
Saldo Atual da Gestão	R\$ 16.248,49

Pandemia! e as muitas faces da doença

Influenza A (H1N1) propicia rara oportunidade de estudar efeito pandêmico e repercussões das doenças em nosso mundo moderno

Ariel Testassica Trunkel (96)

Gostaria de deixar claro minha intenção ao escrever esse texto: não pretendo utilizar como cerne a explicação da atual pandemia, que também será comentada, mas discutir aspectos que estão inclusos na perspectiva desse fenômeno e no transcorrer de suas fases. Também não pretendo ficar descrevendo toda a pandemia, para isso existem vários jornais. Minha maior intenção é simplesmente passar a idéia que a pandemia, ou mesmo a epidemia, é muito mais que um punhado de gente em vários lugares distantes com uma doença: é uma oportunidade única de estudar alguns fenômenos básicos do processo da doença; é estudar em escala global os efeitos biológicos, psicológicos e sociais dessa, tendo uma visão mais ampla, nova e, sem dúvida, útil. Procuo também usar uma linguagem menos jornalística, esperando ter sucesso em

tal empreendimento, e espero ter um retorno dos colegas que isso lerem, dando-me dicas e suas opiniões.

Faz-se mister discutir a doença. Sem dúvida, ela é muito mais que um patógeno em um hospedeiro. Doença é acima de tudo uma interação... de um ser com outro ser; de um ser consigo mesmo, de maneira não-usual, que difere daquelas cientificamente definidas como "certas"; de um ser ou seres com o ambiente em que vivem e o modo como vivem, pois são condições indissociáveis; desse indivíduo com o tempo, pois toda a doença é um processo, uma evolução de quadros. Temos então um ser ou outro fator que altera uma fisiologia tida como normal - o aspecto biológico - associado a um ambiente que favorece ou desfavorece, amplia ou minimiza, é ativo e passivo dessa interação e, por fim, a um indivíduo idiossincrático, gerando uma resposta comportamental própria ao fato de adoecer.

Claro que essa visão exclui por-



*Quem é você?
Adivinha se gosta de mim
Hoje os dois mascarados
Procuram os seus namorados
Perguntando assim
Quem é você?, diga logo
Que eu quero saber o seu jogo
Que eu quero morrer no seu bloco
Que eu quero me arder no seu fogo...*

menores complexos de serem trabalhados e faz uma divisão artificial, separando em três aspectos um processo que não tem divisas verdadeiras. Tudo isso apenas para dizer que a doença afeta todos os planos da vivência. É o suficiente para prosseguirmos. Assim, comecemos a comentar a pandemia em seus principais aspectos. E proponho que o leitor depois faça uma reflexão, tentando buscá-los na maioria das doenças e, assim, validar a idéia desse texto ou descartá-la.

O Biológico

Dia 11 de junho, esta é a data em que ficamos oficialmente conhecendo a primeira pandemia de nosso século. O responsável é o vírus influenza, causador de, contando com essa, já quatro epidemias. Nessa atual, a doença chamava-se "gripe suína", tendo depois seu nome alterado para Influenza A (H1N1), para evitar confusões, uma vez que não se observou nenhum animal contaminado com o vírus ou transmitindo-o, desvinculando a doença do pobre animalzinho.

Os vírus da gripe (ou influenza) pertencem à família Orthomyxoviridae. Três grupos relacionados entre si (A, B e C) infectam humanos. O vírus tipo C causa infecções mais brandas, vírus tipo B pode provocar infecções mais severas, mas possui uma frequência menor de mutações que o tipo A, criando facilidade de criação de resistência definitiva, dificultando

epidemias. O vírus tipo A está associado à maioria das epidemias com consequências sérias. De ano para ano, as propriedades antigênicas, capazes de provocar a formação de anticorpos, dos vírus tipo A variam um pouco, um processo conhecido como deriva antigênica. Esse processo é responsável pela incapacidade do organismo humano hospedeiro de criar uma resistência permanente contra a gripe. Em certas ocasiões as propriedades antigênicas do vírus da gripe tipo A podem se modificar radicalmente. Essas mudanças, conhecidas como mudanças antigênicas, fazem com que esses vírus passem a apresentar um sorotipo diferente, criando uma linhagem que induz anticorpos diferentes no hospedeiro. Isso ocorreu três vezes no século 20 e gerou pandemias que levaram milhões de pessoas à morte.

O vírus da gripe tipo A possui um genoma formado por uma cadeia de RNA de fita simples com oito segmentos separados, que transcrevem onze genes. Cada sorotipo é determinado pelas proteínas hemaglutinina (H) e neuraminidase (N), codificadas respectivamente pelos segmentos 4 e 6 e presentes no envelope viral. Dezesesseis sorotipos H e nove N são conhecidos, existindo também uma série de combinações entre eles. Apenas poucos desses sorotipos são encontrados no homem e, tipicamente, apenas alguns estão presentes na população humana em um dado período, ao passo que todos os sorotipos são encontrados em aves aquáticas, o reservatório natural do vírus da gripe tipo A. Ainda alguns são encontrados em outros mamíferos.

Os vírus da gripe foram caracterizados inicialmente na década de 1930 e o primeiro sorotipo identificado foi denominado H1N1. Uma mudança antigênica ocorreu em 1957, levando ao surgimento do sorotipo H2N2. Outra mudança ocorreu em 1968 e deu origem ao sorotipo H3N2 e à gripe de Hong Kong. Estudos indicam que a gripe espanhola de 1918 marcou o início

SCIENTIFIC POST

Tese - formatação e impressão

Currículo - memorial e lattes

Encadernação - capa dura e brochura

Poster - montagem e impressão

☎ Rua Capote Valente, 386 / Tel.: 3063.2091 / Fax: 3064.0720
 ☎ Hospital das Clínicas 9º and. - sl. 9114 / Tel.: 3069.6449
 www.scientificpost.com.br / e-mail: posto@uol.com.br

da infecção dos vírus H1N1 no homem. Essa foi de longe a pandemia humana mais severa do século 20 e obviamente de todos os tempos.

Portanto, a gripe suína não representa uma grande novidade em termos evolutivos, mas sim um velho fantasma que a humanidade tem combatido nos últimos 90 anos.

O contágio é variado, sendo transmitido no contato interpessoal, por gotículas de saliva ou por contato com mãos ou objetos contaminados e posterior contato com a mucosa do trato respiratório, onde o vírus se replica. A prevenção, entretanto, é bem simples, baseando-se na lavagem de mãos, não tossir ou espirrar em cima dos outros e utilização de máscaras. O inconveniente dessa última forma de prevenção da transmissão é que seu efeito dura apenas duas horas, sendo inócuo após esse período, e nem todos sabem usar o equipamento, deixando o nariz de fora para "respirarem melhor"

O Social

A pandemia de gripe suína causou inúmeros impactos sociais. A começar pelo cotidiano dos cidadãos: as aulas canceladas e a cidade parada são extremos, mas que ocorreram no México. E um impacto em um assunto mais banal não deve ser desprezado, como a mudança nas formas de cumprimento, dado a necessidade de diminuir o contato, para minimizar o contágio. Claro que lavar as mãos também dificulta a transmissão viral e é um ato que se esperaria ser comum para todas as pessoas.

O turismo também foi uma área que sofreu grande impacto. Como exemplo, cito as medidas extremas que os hotéis do balneário litorâneo de Cancún, um dos mais populares do mundo, adotaram, para tentar evitar cancelamentos de reservas e atrair turistas. O hotel local The Royal, por exemplo, ofereceu uma "garantia contra a gripe": qualquer pessoa que contrair o vírus em 14 dias após a saída ganha três férias anuais grátis. Outros locais investem pesadamente nos descontos. Fernando García, dono de quatro hotéis locais, relatou, no auge da epidemia: "Estou neste negócio há 26 anos e nunca vi nada parecido". García disse também que pelo menos 17 hotéis foram obrigados a fechar em Cancún e arredores, e a cidade perdia em média US\$ 6 milhões por dia. A publicidade negativa que o México recebeu nos últimos tempos teve consequências devastadoras para uma região que, em circunstâncias normais, atrai 3 milhões de turistas estrangeiros por ano e conta com o turismo para gerar 90% da atividade econômica. Na firma

de aluguel de jet skis Coral Beach, na extremidade norte da famosa faixa de hotéis de Cancún, a situação está ficando desesperadora. Um mês atrás, a firma empregava 14 pessoas, que vendiam de 30 a 40 passeios de meia hora por dia, a US\$ 60 cada. Nas últimas duas semanas, porém, o movimento caiu para cerca de quatro ou cinco passeios por dia, e a equipe foi cortada para oito pessoas. "O negócio morreu" diz Julio, o gerente. "Nós poderíamos oferecer descontos, mas não há para quem oferecer..."

Outro exemplo de impacto foi o sentido no Egito, que abateu 250 mil porcos dizendo crer que essa medida pode interromper a disseminação da gripe suína, isso em um país que não possuía nenhum caso da doença. A Organização Mundial de Saúde Animal - e outras instituições claramente se mostrou contra essa situação, uma vez que não há evidência de infecção entre porcos, e nem de que humanos estejam sendo infectados diretamente por porcos, acrescentando que, em vez de abater porcos, os países devem concentrar seus esforços no fortalecimento de medidas gerais de biossegurança em locais onde porcos são criados e abatidos. Mas o Egito não interrompeu a enorme matança de porcos. Onde entra o social nessa história? Através dos "zabaleen", centenas de milhares de pessoas que ganham a vida e formam uma comunidade coletando o lixo do Cairo e transformando-o em uma mercadoria. Eles utilizavam o lixo orgânico para criação de seus porcos, alimentando-os. Depois, o governo disse que não está mais agindo apenas para prevenir a gripe suína, assumindo que a operação faz parte de um projeto para "limpar" os zabaleens, fazendo-os viver em condições higiênicas.

Os zabaleens são cristãos em um país de maioria muçulmana. Eles estão convencidos de que o governo quer usar o pânico com a gripe suína para exterminar os porcos do Egito e não para melhorar a vida deles, pois o islamismo proíbe o consumo de carne de porco. É verdade que suas condições de vida são precárias, em condições anti-higiênicas, e com frequência se vê o quadro de crianças sujas carregando enormes sacos de lixo pela cidade, com as faces sujas e as roupas rasgadas. Mas esse é seu modo de vida, e de independência de um governo em que não tem confiança. Eles

apóiam a melhora do sistema; não sua extinção. Uma pandemia servindo de desculpa para injustiças sociais.

Por fim, temos que comentar sobre a vacina recentemente desenvolvida pela indústria farmacêutica suíça Novartis, numa amostra de como o social interfere sobre a doença. O laboratório deixou bem claro que não vai ceder doses da nova vacina para países não-desenvolvidos. Pode negociá-las, mas não irá ceder. Muitos podem considerar isso algo lógico, mas nem por isso deixa de representar o quanto uma vida pode estar sujeita ao modelo capitalista. Vende quem tem, compra quem pode.

O Psicológico

Uma pandemia, ou mesmo uma epidemia, tem força para apresentar um fenômeno diferenciado em termos de psicologia da doença: gerar um pavor coletivo.

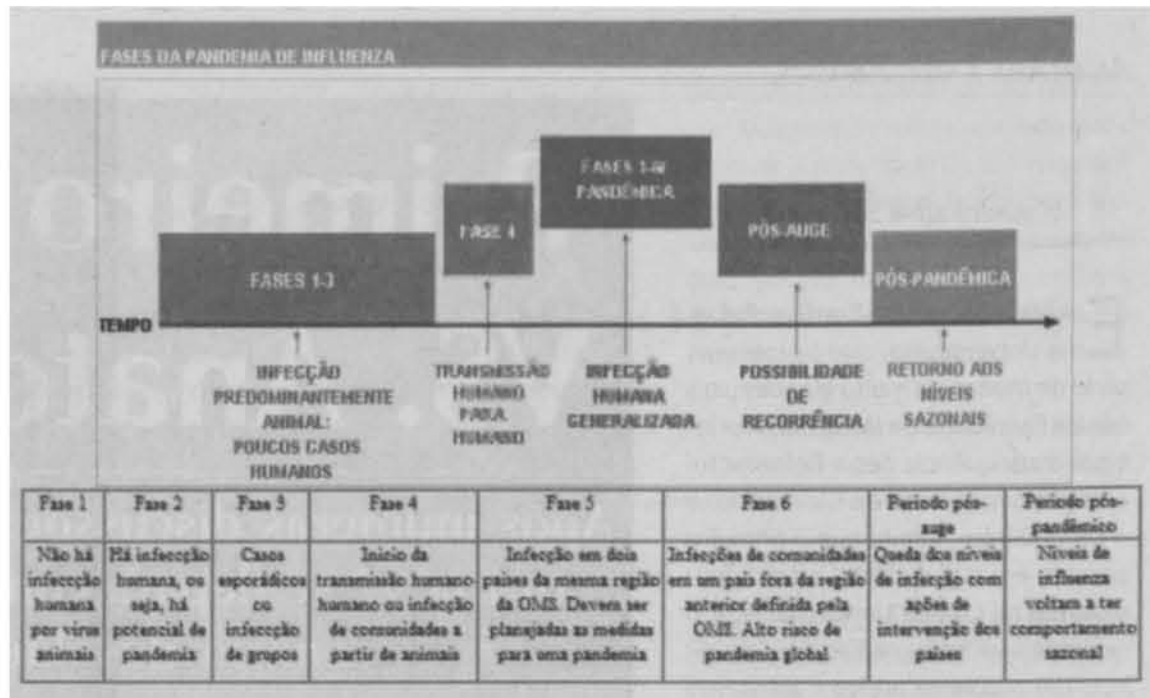
Doenças geram medo, pode ser em portadores, familiares, outras pessoas próximas: medo de morte do infectado e de morte própria; da dizimação, do apocalipse. As autoridades frequentemente tentam controlar isso por um jogo de palavras, o que sem dúvida é importante para minimizar os efeitos da doença, mas não deixa de ser mentiroso. Substituição de palavras, como epidemia para surto, praticamente sinônimos, tentam acalmar quem ouve e não conhece seus verdadeiros significados. O termo surto foi bastante utilizado durante reportagens da gripe, embora estritamente não seja aplicável, uma vez que é usado para se referir a um quadro epidêmico em ambientes restritos, como uma escola, por exemplo. Outro fator interessante é a constante busca dos governos em acalmar a população. O brasileiro, por exemplo, insistindo em garantir que tudo está sob controle, que estamos preparados, mas vale lembrar que a situação nunca é bem essa quando lidamos com o acaso: o vírus Influenza A sofre constantemente mutações e

pode originar tanto um vírus menos quanto um mais letal. Isso é potencialmente perigoso, e sem dúvida não está sob controle. Já temos um exemplo de mutação, identificado no Instituto Adolfo Lutz, denominada essa nova estirpe de Influenza A/São Paulo/H1N1. O sequenciamento genético revelou uma mutação na proteína Hemaglutinina, responsável pela capacidade de infectar do vírus, que já não tem o mesmo padrão do vírus da Califórnia (EUA), o primeiro isolado na atual pandemia. O que essa mutação significa ainda não se sabe.

O que temos que ter em mente é o básico, que a informação consistente é o melhor método de evitar o pânico. Mas informação consistente, senão poderemos ter o mesmo fenômeno observado pouco tempo atrás com a maciça divulgação da febre amarela. Pessoas residentes em áreas sem risco faziam filas para tomar a vacina. Isso devido a informações incompletas circuladas na época, que mais ajudam que atrapalham.

O Humor

Alguns chamariam até de humor negro. O fato é que a pandemia já rendeu muito assunto para piadinhas, charges e até jogos virtuais. Um fenômeno comum, transformar desgraça em riso. Notadamente o humor muito se baseia no politicamente incorreto, e isso não poderia ser diferente na situação atual... mas como condená-lo? Que jogue a primeira pedra quem nunca riu da desgraça alheia, do pavor difuso, por mais sutil que seja. Termina assim, o texto com uma sugestão de texto: Qual o papel cultural e a influência biológica de nossos comportamentos cômicos e satíricos? Por que o humor se baseia em grande parte no infame, no errado, no que é torto? Questões a se pensar, principalmente por, dentro da profissão médica, lidamos com sofrimento... e nem por isso deixamos de rir disso...



André Silva Saijo (Déco 97)

Em 1968 houve, no Brasil, a Reforma Universitária, que trouxe uma série de mudanças muito grandes para nós da Faculdade de Medicina. A principal consequência dessa Reforma foi a desarticulação entre o Ciclo Básico e o Ciclo Clínico, sendo que o primeiro passou, em sua maioria, a ser administrado na Cidade Universitária, e o segundo continuou na Faculdade.

Um problema antigo e insistente do Ciclo Básico, e o tema desta matéria, são as aulas de Anatomia. Administradas no ICB, estas aulas são duramente criticadas por quase todos os alunos do primeiro ano. Apesar dos esforços e tentativas de mudanças das turmas anteriores, como a 95 e a 96, a qualidade das aulas não melhorou e agora os primeiro-anistas da Turma 97 sofrem com o baixo teor do curso.

No consenso geral, Anatomia é a matéria mais estimulante para os alunos do nosso curso, uma vez que no ideário popular a Medicina se baseia somente, ou principalmente, no conhecimento do corpo humano. No entanto, as aulas são frustrantes e insatisfatórias, desestimulando o aprendizado e tornando a arte da Anatomia maçante e entediante, além de ser tratada com indiferença no decorrer do curso.

Como discente do primeiro ano, posso dizer que me enquadro como um desses alunos frustrados e desapontados, uma vez que as aulas estão absolutamente abaixo do nível esperado e desejado, e não somente isso, estão abaixo do padrão de qualidade de uma Universidade que é considerada a melhor do país e uma das melhores do mundo.

Alguns dos problemas mais citados pelos alunos do primeiro ano são a falta de materiais, no caso cadáveres e peças, além da baixa qualidade que as poucas existentes apresentam, e a falta de professores, uma vez que três docentes são praticamente insuficientes para uma sala de noventa alunos. Nas aulas práticas, onde os problemas são mais visíveis, ocorre um acúmulo de estudantes em uma das bancadas dos laboratórios, tornando difícil, ou até mesmo impossível, a observação do material e o entendimento e compreensão do que foi dado na aula teórica, quando ela é existente.

Com o passar do tempo, as aulas de anatomia passaram a ser cada vez menos assistidas, pois muitos alunos deixaram de frequentá-las devido a esses problemas todos já listados. No

Primeiro ano VS. Anatomia

Após inúmeras discussões em 2008, a turma 97 se depara com o mesmo cenário desolador



O impasse da Anatomia no curso básico não é novidade para os alunos da Casa. A questão é se os próximos filhos de Arnaldo encontrarão o problema solucionado ou sentirão a frustração pelo descaso com tão importante matéria.

entanto, em época de prova, os laboratórios voltam a encher novamente, e, mais uma vez, os problemas de pouco material e poucos professores tornam-se presentes, atrapalhando o desenvolvimento da aula.

Como é de se esperar, a Turma 97 está se conscientizando do problema e tomando algumas atitudes para tentar reverter essa situação. Percebe-se então que se criou uma tradição na nossa faculdade, que é o descontentamento com a

Anatomia, tradição essa que não pode ser cultuada pelas turmas subsequentes!

Infelizmente, ao contrário do que seria lógico, as turmas antecedentes, generalizadamente, se esquecem dos problemas que afligem os estudantes do primeiro ano e tratam-nos com indiferença, sendo que algumas vezes até desestimulam os que lutam pelas mudanças. O principal argumento que nós, calouros, ouvimos é de que cedo ou tarde aprenderemos anatomia do mesmo je-

to, uma vez que nos anos seguintes teremos aulas de Anatomia Topográfica.

Então, qual o real motivo de termos aula de Anatomia no primeiro semestre, se nós iremos realmente aprender somente nos próximos anos? Obviamente a Universidade não ofereceria aulas inúteis aos alunos. As aulas são dadas para que nós aprendamos nela, e não para que finjamos que estamos tendo uma aula adequada só para completar a grade curricular.

No início do ano letivo, nós, da Turma 97, tivemos uma 'aula-reunião' com o professor coordenador de Graduação, Prof. Milton Arruda, e ele expôs para nós os problemas das aulas de anatomia serem administradas na Cidade Universitária. Além disso, ele nos garantiu que nossas aulas passariam a ser dadas na Faculdade, sendo que precisariam de algumas semanas para organizar os laboratórios e acertar todos os trâmites necessários. No entanto, as aulas continuaram a ser administradas no ICB, apesar de estar escrito no horário afixado no mural em frente à Sala de Graduação que elas seriam dadas nos Anfiteatros da Faculdade.

Essa falta de comunicação entre a Graduação e os alunos só prejudica o nosso ensino, uma vez que poderia tudo ter sido esclarecido logo no início do semestre, e então, teriam sido buscadas outras formas para melhorar o curso de Anatomia.

Não há razão para termos aulas mediocres só porque teremos a chance de aprender novamente no futuro. Temos o direito de ter aulas de boa qualidade e devemos exigir melhorias no curso de Anatomia. Nós, estudantes, devemos zelar pela imagem da Faculdade, e não podemos deixar que absurdos como esses da situação atual aconteçam com naturalidade e desabonem a reputação da instituição.

Aproveitando o espaço, gostaria de pedir aos alunos que, não importando de qual ano sejam, um dia estiveram descontentes com suas aulas de Anatomia, do Sistema Locomotor principalmente, ajudem os alunos do primeiro ano nessa tentativa de apurar o curso. A participação de todos da Faculdade é de extrema importância.

O problema pode parecer insignificante para os que já passaram por essa situação, mas tentem se lembrar do quão frustrante e desestimulante foi ver a qualidade das aulas de Anatomia, que estão aquém do que nós merecemos e priorizamos na FMUSP.

Além disso, gostaria de convocar todos os alunos do primeiro ano para

fazer parte do movimento que está sendo formado para buscar melhorias no curso de Anatomia. É de fundamental relevância que todos tomem conhecimento dos problemas que estão ocorrendo e tomem partido nessa luta contra a baixa qualidade do curso.

Vale lembrar que não adianta apenas reclamar das aulas, tem que participar ativamente, seja dando opiniões e sugestões nas reuniões do Centro

Acadêmico, ou procurando os RDs, Representantes Discentes. Só assim ocorrerão mudanças, para melhor, na graduação.

"Ó velha e gloriosa Faculdade! Ó Moços, não a deixeis morrer!" Essas palavras escritas pelo Prof. Lacaz podem ter uma interpretação exagerada, de que a nossa Faculdade está morrendo. No entanto, o que o Professor quis dizer é que nós, estudantes da "glorio-

sa Faculdade", não devemos deixar a qualidade do ensino cair, pois isso levará a Faculdade à decadência e perecimento.

Não podemos deixar que nossa Faculdade seja vista como a "Faculdade do Hospital das Clínicas". O Ciclo Básico é muito importante para o desenvolvimento da formação médica, deve ser tratado com responsabilidade e deve apresentar a qualidade que é marca registrada da Faculdade de Me-

dicina da Universidade de São Paulo.

Deixo aqui minha crença de que o curso de Anatomia do Ciclo Básico deixará de ser negligenciado e será tratado da maneira que merece pelos coordenadores da faculdade: como o mais importante curso, uma vez que é base do ensino de Medicina.

André Silva Saijo é acadêmico da FMUSP

BIOÉTICA

Ética Médica

O Pioneirismo da FMUSP

Geovanne Pedro Mauro (95)

Todos aqueles que já estiveram envolvidos com pesquisa sabem que é indispensável para o andamento de um projeto que ele seja aprovado por um comitê de ética em pesquisa. Mas quantos de nós sabemos a verdadeira função destes comitês e porque todos os trabalhos devem passar por eles?

Em O Bisturi deste mês, contaremos a história por trás dos comitês de ética com a ajuda do Prof. Dr. Daniel Romero Muñoz, Professor Titular de Medicina Legal, Ética Médica e Medicina Social e do Trabalho desta instituição.

Para verdadeiramente entender o processo da ética nestes comitês, deve-se compreender sua função. "As comissões são formados sobre as normas", começa o Prof. Muñoz explicando suas origens. É exatamente este fato que os torna obrigatórios. As leis, na medida que foram criadas nas diversas instâncias legislativas do nosso país, consolidaram em seus textos a obrigatoriedade dos comitês de ética. A sua função básica é garantir o rigor da lei nos diversos trabalhos de pesquisa, principalmente os realizados em seres humanos, em todo o Brasil.

Mas, para entender porque a lei foi criada, deve-se entender a história. Nas décadas de oitenta e setenta, o Brasil não previa em seus códigos e leis nada que desse suporte legal aos trabalhos em pesquisa. Literalmente, fazia-se qualquer coisa. A única lembrança deste assunto nestes anos era no Código Penal, que previa pena para pessoas que causassem mal a outrem, com dolo ou não, no decorrer de protocolos de pesquisa. Este ambiente no Brasil era propício para a manutenção de pesquisas que nunca

seriam aceitas em outros países "mais civilizados". A indústria farmacêutica tratava a população brasileira como verdadeiras cobaias para experimentação de seus novos produtos.

Isso durou até a gestão do Prof. Dr. Adib Jatene como ministro da saúde. O ano era 1996. O grande dilema na época era se o Brasil deveria ou não adotar o modelo de comitês de Bioética para a regulamentação da pesquisa no país. De um lado, liderados por muitos pesquisadores desta Casa como o próprio Jatene, estavam aqueles que achavam essencial a regulamentação. De outro, liderados principalmente pela indústria farmacêutica, estavam aqueles que achavam que tal regulamentação era o início do fim na pesquisa no país, que os comitês e o reforço legal afastariam a pesquisa e seus incentivos do território brasileiro. Para resolver tal impasse, o Prof. Jatene pediu ajuda ao Conselho Nacional de Saúde. Composto por vários pesquisadores renomados de diversas instituições, além, é claro, da presença discente, o Conselho deu como parecer ao ministro a implementação das normas de ética em pesquisa. Para que se tenha uma idéia do nível das pesquisas da época, há o exemplo de um trabalho do início da década de 90 no qual desejava-se testar os níveis de deformação do feto em gestantes HIV positivas. Estes e outros escândalos culminaram na necessidade de uma regulamentação.

Esta odisséia culminou na resolução 196/96. Esta resolução criava o atual modelo normativo no Brasil de ética em pesquisa, principalmente em seres humanos. Os membros da Sociedade Brasileira de Bioética, que começou a funcionar aqui na FMUSP, tiveram um papel importantíssimo na criação desta resolução, especialmente seu pre-

sidente na época, o Prof. Dr. William Saad, Professor Titular da UNESP.

Mas, a resolução 196/96 foi um marco por quê? A partir dela, toda a pesquisa em seres humanos tem que passar pelos comitês de ética. Segundo o Prof. Muñoz, a estrutura normativa encontra-se montada da seguinte maneira: a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), funciona como comitê central, regulando os demais. Existe, entretanto, tipos de pesquisa que devem obrigatoriamente passar pelo crivo da CONEP. Entre elas, estão pesquisa em áreas temáticas especiais como genética humana, pesquisas que exijam envio de material para outros países, cooperação internacional, pesquisas de aprovação de medicamentos cujo pesquisador responsável é estrangeiro, etc. Para os demais temas, basta o consentimento de um Comitê Local de Ética em Pesquisa, os CEPs. Cada instituição tem a sua e, para instituições que não estão normalmente envolvidas em pesquisa, pode haver o pedido formal para que o trabalho seja aprovado por um CEP de uma outra instituição. No caso da FMUSP, o nosso CEP chama CAPPesq (Comissão de Aprovação de Projetos de Pesquisa). Cada CEP tem que mandar relatórios para a CONEP, para que haja um acompanhamento central.

Outro ponto delicado no qual a resolução 196/96 toca é o do consentimento livre e esclarecido. Ainda existem muitas divergências sobre a sua forma e aplicabilidade. A questão de pesquisa em áreas indígenas, por exemplo, é um grande impasse mencionado pelo Prof. Muñoz. Existem tribos que, se o "conselho" da tribo aprovar, o índio não precisa assinar o consentimento. Como fazer pesquisa em populações tão diferentes da nossa? Mesmo porque, estes dados são de extrema valia para a comunidade científica, tanto em termos genéticos quanto antropológicos. Como garantir que os frutos destes trabalhos se revertam para a comunidade indígena?

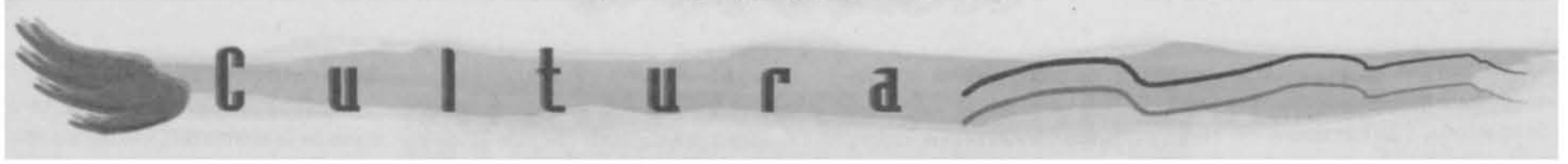
Entretanto, a resolução ainda dá brechas para discussões. Uma discussão antiga, por exemplo, é a questão ética que envolva o uso de placebos. Seriam estes eticamente aceitáveis?

Mas o modelo brasileiro não é pioneiro. Em 1964, uma reunião internacional em Helsinki, Finlândia, debateu sobre a pesquisa em seres humanos. A conclusão tomada neste encontro, chamada de Declaração de Helsinki, traz as bases da ética em pesquisa em seres humanos e o modelo de comitês atualmente utilizado no Brasil. Esta declaração já traz que a ética deveria ser empregada em diversas instâncias, que variam dos comitês nacionais até a consciência do próprio pesquisador.

Para a descrença daqueles que eram contra a regulamentação, a pesquisa no Brasil não acabou pela regulamentação. Muito pelo contrário, antes da resolução 196/96 a pesquisa no Brasil era encarada como terra de ninguém, um verdadeiro quintal de experiências. A indústria farmacêutica testava a segurança de seus produtos aqui, mas publicava seu impacto em periódicos estrangeiros, com nomes de pesquisadores e instituições internacionais. A partir de 1996, o Brasil começou a ser pensado como um país sério em pesquisas, o mais conceituado da América Latina. Atualmente, trabalhos brasileiros são publicados em conceituadas revistas internacionais, o que não acontecia antes da resolução, pois os dados brasileiros eram vistos como manipuláveis e duvidosos, como acontece com a pesquisa em diversos países sem regulamentação, principalmente africanos e latino-americanos. A regulamentação expandiu a pesquisa no Brasil, tornando-a mais forte e impactante.

Esta é a contribuição do pioneirismo da FMUSP para a bioética e para a pesquisa.

Geovanne Pedro Mauro é acadêmico da FMUSP e membro da gestão CAOC 2009



AcordaVocal

Um coral que tem muita história, mas pouco destaque dentro da Faculdade

Juliana Barbosa (96)

Ilustríssimos colegas, filhos de Arnaldo: escrevo-lhes para avisá-los que existe um coral na nossa faculdade! É isso mesmo, ele existe, e já faz um tempão! Dezesesseis anos! Mas como a maioria sequer sabe da existência dele, aproveito o espaço para colocá-los a par do tema.

Um pouco de história

Na década de 60, foi criado o Coral CAOC e ele era utilizado como ferramenta na luta contra a repressão na época. Já contava com a participação de alunos, professores e funcionários. Já no começo da década de 80, fundou-se o MPB-Med, que também foi um grupo bastante atuante na época. Contagiado pela abertura democrática, cantava a brasilidade e a liberdade.

E então, em setembro de 1993, foi criado o AcordaVocal. Tendo a intenção de ampliar o conhecimento e os horizontes culturais de cada integrante, com um amplo trabalho de pesquisa, ensaios e apresentações.

Sua atual composição

O AcordaVocal conta com cerca de 45 integrantes, entre estes: alunos (três!), funcionários, profissionais da área da saúde e pessoas da comunidade.

Sempre esteve sob a regência de Déborah Rossi. E ainda conta com a

preparação vocal de Narayani Freitas.

Sua atuação

O AcordaVocal segue uma linha de trabalho um tanto o quanto alternativa, na qual peças do repertório erudito podem se fundir ao popular, na intenção de melhor explorar um tema.

Frequentemente incorporam-se elementos cênicos à montagem. E, quando necessário, um acompanhamento instrumental é utilizado, para dar um melhor acabamento ao trabalho.

O seu repertório inclui: MPB, negro spirituals, eruditas e sacras, folclore e natalinas, populares e internacionais.

Experiência

Com o espetáculo "AcordaVocal canta POR AMOR: o canto do amor através dos tempos" (1994/95), apresentou-se em diversas salas de concerto na capital e no interior do Estado. Em 1997, fez um passeio pelos diferentes estilos de músicas coral cantando "Todas as épocas, todas as vozes, todos os sons...".

Paralelamente ao repertório a capella, o AcordaVocal desenvolve, também, um trabalho erudito, para coro e orquestra, visando um maior aprimoramento técnico-musical de seus integrantes. Em 1999, apresentou o espetáculo temático "O canto como forma de oração", que incluía canções eruditas, folclóricas e popula-

res, com conteúdo sacro ou não, que representassem alguma forma de prece ou reflexão.

No final de 1995, apresentou a obra Gloria, de Vivaldi, para coro, solistas e órgão, em diversas igrejas da capital. Em 1996, a apresentação foi complementada por uma orquestra, também patrocinada pela Fundação Faculdade de Medicina da USP. Em 1998, apresentou a Missa Brevis Sancti Joannis de Deo, de Joseph Haydn, para coro, solista e órgão, em várias igrejas de São Paulo. Em 2000, montou o Ofertório Inter Natus Mulierum, de W.A. Mozart.

Em 2003, para comemorar os dez anos do grupo, montou o espetáculo "Sobre todas as Coisas", com canções de amor (em suas várias formas) retiradas do repertório popular brasileiro. 2004 foi um ano de montagem de repertório erudito e o ACORDAVOCAL teve a oportunidade de realizar dois concertos com a Orquestra Sinfônica Jovem Municipal de Guarulhos e um concerto com a Banda Sinfônica do Estado, apresentando as obras Te Deum, de Joseph Haydn, e Christmas Cantata, de Daniel Pinkham. Em 2005 apresentou o espetáculo "Quem canta um conto", com músicas da MPB que contam histórias. Em 2006 foi a vez do espetáculo "Canta que eu te escuto" com o melhor do repertório do Acorda. E, recentemente, o AcordaVocal tem trabalhado com o espetáculo "(de)terminação feminina"

"Nem tudo são flores..."

O AcordaVocal esteve, por muito tempo, vinculado ao CAOC, que repartia os gastos do coro com a faculdade. Há cerca de cinco anos, o CAOC deixou de arcar com estes gastos (na mesma época em que abriu mão de arcar com o GTM - Grupo de Teatro da Medicina).

Atualmente, conta com o apoio financeiro da Comissão de Cultura e Extensão da FMUSP. Porém este não vem se mostrando suficiente. O valor disponibilizado é praticamente o mesmo que o coral recebia há dez anos, e não citarei aqui os índices da inflação!

Os atuais integrantes colaboram com esta situação, contribuindo mensalmente com a quantia de 15 reais,

para completar os salários da regente e da preparadora vocal.

O integrante do coral, Danilo Lage, que vem defendendo o coral neste ponto e buscando alternativas, explica as dificuldades atuais: "Não podemos ter autonomia em relação à FMUSP, uma vez que somos bancados (pagamento da Déborah e da Nara) pela FFM e conseguir um patrocínio depende da aprovação dessa autarquia. O fato é que a FFM e a CCEX possuem patrocinadores próprios o que limita as chances do coral ao cadastramento junto ao governo do estado nos programas de apoio à cultura (PAC estadual, uma espécie de Lei Rouanet estadual) ou à integração ao CoralUSP, o que deve acontecer em um futuro próximo e permitirá um leque maior de possibilidades de patrocínio (e concertos também)."

Depoimento:

Mariana Fernandes Jucá, do 5º ano de medicina, e participa do AcordaVocal desde maio de 2006. Ela conta: "O AcordaVocal, apesar de me 'custar' cinco horas semanais, é na verdade um grande benefício que o estudante de medicina pode ter. Nos ensaios trabalhamos técnicas de respiração, alongamento que são relaxantes e desestressantes. Além disso, cantar renova os ânimos e parece que espanta toda a agitação vivida no dia. Com certeza vejo o coral, não como mais um compromisso, mas como uma atividade que me faz falta!"

Convite:

Os ensaios do AcordaVocal ocorrem de segunda e sexta-feira, das 18:30 às 21:00, no anfiteatro da Medicina Preventiva (2º andar), na FMUSP.

Todos estão convidados a participar! E lembrem-se que não é necessário ter experiência prévia.

Saiba mais:

Acesse o site www.acordavocal.com e não deixe de ver os vídeos do AcordaVocal!

Juliana Barbosa é acadêmica da FMUSP

A Lei de Murphy e os Médicos

Nem mesmo para eles as coisas deixam de dar errado

Vitor Ribeiro Paes (95)

Em 1947, o major Edward Murphy estava, depois de batalhar na Segunda Guerra, trabalhando em um sistema de Pesquisa e Desenvolvimento da Força Aérea americana e, após um teste desastrado com sensores, enunciou sua única e mais célebre citação, em referência ao engenheiro que montou o experimento de maneira incorreta, "se este cara tem algum modo de cometer um erro, ele o fará", enunciado posteriormente como "se algo puder dar errado, dará errado". Esta declaração tomou-se objeto de estudo de Arthur Bloch, escritor americano, que estudou seus efeitos na Engenharia e na Advocacia. Recentemente, ele decidiu focar a Medicina, de onde saiu o livro *A Lei de Murphy e os Médicos* (Editora Record).

Formado por uma coletânea de frases atribuídas pejorativamente a uma série de infames "doutores" (por exemplo, o dr. Collor, o dr. Scolari e o dr. Fernando Henrique), o livro não deixa escapar nenhum aspecto das pessoas envolvidas no trabalho médico, seja ele o clínico, o cirurgião, a enfermeira, o especialista, o pesqui-

sador, o paciente, os administradores do hospital, os pacientes e até mesmo os estudantes e professores (veja algumas abaixo), mostrando de forma cômica a rotina e a imagem do sistema de saúde, seja do ponto de vista de um observador externo, seja de alguém que convive com o trabalho de tratar dos pacientes.

Muitos leitores argumentarão, de imediato, que tratar de forma tão leviana e cômica as falhas e erros do sistema de saúde é, no mínimo, macabro e de mau gosto. Para estes, Bloch responde brilhantemente que "é precisamente quando as coisas dão errado que precisamos de Murphy", e que sua obra como um todo permite "colher a semente da verdade murfológica por trás do milagre da Medicina". Apesar da capacidade em demonstrar esta semente, as ilustrações da edição em português, feitas por Jaguar, não mostram muita relação com o escrito, e acabam drenando um pouco da atenção e do humor contido nas citações, além de não permitirem que todo o humor deste desenhista pudesse ser posto em serviço. Independente de sua posição no

sistema de saúde, A Lei de Murphy e os Médicos demonstram de forma cabal e bem humorada a lei que está por trás dos erros da Medicina, por mais absurdo que eles possam parecer, além de permitir a todos vislumbrar e assumir os erros que cometem, pois, como cita o livro, "para aprender com os próprios erros, primeiro é necessário se reconhecer que se está cometendo erros".

CITAÇÕES

Lei do Cão para Alunos: "Se você não sabe a resposta, algum professor fará a pergunta"

Regra de Canabrava: "Um alcoólatra é todo aquele que bebe mais do que seu médico"

Lei do Dr. Abreu: "Quanto mais gelada a mesa dos raios X, mais partes do seu corpo você terá de encostar nela"

Princípio da Psicoterapia de Humphrey: "Seus pacientes abrem mão dos bons hábitos com mais facilidade do que abrem mão dos maus hábitos"

Lei do Dr. Jivago: "Conselho é o que pedimos quando já sabemos qual é a resposta, mas gostaríamos de não saber"

Vitor Ribeiro Paes é acadêmico da FMUSP

Razão e Sentimento

Emotividade, racionalidade e jogos de interesse no século XIX

Mariana Faccini Teixeira (97)

O livro *Razão e Sentimento*, de 1811, é a primeira obra publicada de uma das figuras mais importantes da literatura inglesa: Jane Austen. Nascida em 1775, a autora surpreendeu o público - e desagradou aos críticos mais conservadores - ao criticar, com humor e ironia sutis, a sociedade obcecada por status social e financeiro e o estilo sentimentalista tão admirado em sua época. Graças ao sucesso alcançado pelo livro, inicialmente publicado sob o pseudônimo "uma senhorita", Austen foi capaz de lançar outros de seus romances, entre eles sua obra mais conhecida, *Orgulho e Preconceito*.

Em *Razão e Sentimento*, a história é centrada na vida da família Dashwood. Após a morte do Sr. Dashwood, sua esposa e suas três filhas, Marianne, Elinor e Margareth, passam a depender de John, filho de seu primeiro casamento, que, embora inicialmente disposto a manter o bem-estar de sua madrasta e de suas meias-irmãs, logo é convencido por sua esposa, Fanny, de que não tem a obrigação de ajudá-las. Assim, as Dashwood perdem a propriedade em que viviam, passando de proprietárias a meras convidadas de John e Fanny, e precisam procurar um novo lugar para viver. Por meio da ajuda de um parente, encontram uma nova propriedade e, apesar do estranhamento inicial, já que a nova casa era bastante modesta se comparada à anterior, logo as Dashwood se inserem na vida social da região. Conhecem novas pessoas e se aproximam de antigos amigos, situações nas quais é revelado o contraste entre o racionalismo de Elinor e a emotividade de Marianne (acredita-se, aliás, que venha dessa comparação o nome *Razão e Sentimento*).

A obra já foi adaptada para o cinema diversas vezes, sendo a versão mais conhecida a de 1996, vencedora do Oscar de Melhor Roteiro Adaptado, e deu origem também a uma série de TV, da emissora BBC. Em sua edição em português, o livro conta ainda com uma apresentação da escritora Lygia Fagundes Telles. Vale a pena conferir, tanto pela análise da sociedade do século XIX quanto pela oportunidade de apreciar o talento da mais importante escritora inglesa depois de Shakespeare.

Mariana Faccini Teixeira é acadêmica da FMUSP

M*A*S*H

Medicina, guerras e sátiras

Bruno Miguel Muniz de Oliveira (96)

*M*A*S*H* é um filme do diretor Robert Altman lançado no ano de 1970. Aparentemente, trata sobre a Guerra da Coreia, mas um olhar mais crítico e atento sobre a produção revela tratar-se, na verdade, de um retrato da América na época da Guerra do Vietnã.

Quando do seu lançamento, os Estados Unidos enfrentavam grandes problemas com a guerra travada no Vietnã, tanto militares como sociais. A crítica a um conflito no qual o número de soldados mortos só aumentava era implacável, mas constantemente abafada. Daí o filme ter sido veiculado como referente à Guerra da Coreia. Aliás, durante toda a sua carreira, Altman teve como objetivo mostrar de maneira crua a sociedade americana, mostrando nessa obra a estupidéz da

guerra através de um humor genial, ainda que simples.

O filme ambienta-se num acampamento militar e retrata o dia-a-dia dos que aí vivem, especialmente os médicos. É fragmentado, podendo parecer estranho à primeira vista. Não há trama definida, nem mesmo um clímax. Também é difícil identificar protagonistas, sendo o filme um retalho de pequenas histórias, que adquire sentido quando analisado como um todo. Os personagens "principais" são os dois melhores médicos do acampamento, Trapper John McIntyre (Elliott Gould) e Hawkeye Pierce (Donald Sutherland), tanto que o começo e o final do fim são marcados pela chegada e saída de Hawkeye do mesmo.

Ainda que um filme de guerra, em *M*A*S*H* um único tiro é disparado, para marcar o fim de um tempo em um jogo de futebol americano. Aliás, pode parecer estranho, mas a partida de futebol citada revela que a maior preocupação dos médicos era de se divertir. Eles passam o filme inteiro tentando organizar jogos de golfe, bebendo e planejando sobre como ganhar

muito dinheiro numa aposta com o general. Enfim, não se importam com o tratamento dos feridos ou com as complicadíssimas cirurgias. A displicência com que levam a guerra revela o desejo de que esta passasse mais rápido, além de demonstrar que os horrores observados não mais os afetavam.

Diz-se que o filme teve grandes problemas para ser lançado devido a brigas de Altman com seu roteirista, Ring Lardner Jr, inconformado com o fato de seu roteiro ter pouca importância, afinal os atores improvisaram a maior parte dos diálogos. Além disso, a FOX, responsável pelo filme, tinha dúvidas quanto ao lançamento do mesmo, considerado pelo estúdio como o pior filme já gravado pelo mesmo.

O resultado desse filme sem roteiro, de baixo orçamento e com grandes dificuldades de produção? Um grande sucesso de bilheteria, a Palma de Ouro em Cannes, além de um Oscar e outras quatro indicações. Curiosamente, o Oscar foi o de melhor roteiro adaptado.

Bruno Miguel Muniz de Oliveira é acadêmico da FMUSP

FUVEST 2010: precisamos de mudanças, já?

Arthur Hirschfeld Danila (94)

Há muitos aspectos da vida universitária que aproximam alunos e professores. Se existem parâmetros que atribuem identidade comum a discentes e docentes em torno da universidade, um deles é, indubitavelmente, o vestibular. Todos os que trilham ou já percorreram o ambiente universitário necessariamente passaram pelas provas de um concurso vestibular - no caso da USP, atualmente realizado pela FUVEST. Outro ponto de união entre os integrantes do ambiente acadêmico é o compromisso com o já conhecido tripé da universidade: pesquisa, extensão e ensino.

Traçadas tais características comuns aos membros da universidade, de extrema importância para a convivência acadêmica e para o desenvolvimento institucional, vê-se com profunda preocupação a velocidade com que têm ocorrido as mudanças e desvirtuamentos, em alusão aos três âmbitos do tripé universitário, no modelo de prova realizado pela FUVEST para o ano de 2010.

Pesquisa

Sob o prisma do pilar da pesquisa, a primeira perspectiva importante a ser discutida é a estrutura universitária e a falta de discussão consistente. Pelo fato de a FUVEST ser uma fundação destinada a organizar o concurso vestibular da Universidade de São Paulo, a ela cabe seguir normas e deliberações tomadas nas instâncias universitárias. Seguindo essa lógica, em última análise, para que se delibere sobre alterações no processo seletivo da USP, deve-se passá-las pelo crivo do debate acadêmico em todas as células da universidade - os departamentos das faculdades - encaminhando a discussão sucessivamente para as comissões, órgãos colegiados e congregações das unidades, ficando sujeitas a posterior aprovação nos conselhos gerais e no Conselho Universitário.

Entretanto, as modificações propostas pelo Conselho de Graduação (CoG) para a FUVEST 2010 não incluíram os princípios do debate acadêmico preconizado pela USP. Na Faculdade de Medicina, por exemplo, foi

protocolada, no dia 27 de abril de 2009, uma carta assinada pela Pró-reitora de Graduação - Selma Garrido Pimenta - solicitando resposta acerca da decisão das matérias cobradas no terceiro dia da segunda fase do novo processo seletivo, com data limite para 15 de maio do mesmo ano.

Assim que recebida pela faculdade, a discussão foi parar diretamente na Comissão de Graduação, sem antes receber a opinião dos departamentos e outros órgãos colegiados da faculdade. Além disso, os alunos não foram previamente consultados.

Ainda que conversas acerca das transformações já houvessem sido iniciadas em março, quando foi trazida a questão das grandes alterações no formato da prova da FUVEST pela Comissão de Graduação, o exíguo prazo que foi dado exprime como todo o processo de mudança do vestibular esse ano parece sugerir que propostas estão sendo feitas "a toque de caixa" por motivos possivelmente estranhos às orientações e anseios da faculdade, sem a precedente e saudável discussão.

Cientes dos acontecimentos, os alunos da faculdade reuniram-se em Assembleia Geral. Julgaram que o tema não havia sido acompanhado de debate apropriado e aprofundado, tanto entre os estudantes quanto entre o corpo docente, o que colocaria o vestibular em risco, pelo caráter frágil das mudanças propostas, por serem pouco ancoradas em fundamentos pedagógicos consistentes e nos conhecimentos cobrados pelo programa da FUVEST, e passíveis de consequências não suficientemente debatidas pela instituição. Ainda, devido ao peso que acarretaria uma decisão apressada, sugeriram que se estudasse o assunto de forma apropriada, com mais tempo e espaço para debate.

Dessa forma, descumpriu-se o alicerce da pesquisa, pois apesar de a USP ser uma universidade essencialmente de pesquisa, e a FMUSP estar imersa em uma prática médica baseada em evidências, a discussão sobre as alterações na FUVEST na faculdade não foi acompanhada de prévia coleta de informações, pesquisa em bases de dados e revisões pedagógicas acerca do tema. Com isso, o primeiro resultado do atropelamento da discussão se refletiu com a mudança desequilibrada da

prova de física pela de geografia, sem que essa fosse a vontade da Faculdade de Medicina de São Paulo. A justificativa apresentada, da tentativa de união com a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, entretanto, não conseguiu prevalecer.

Os argumentos não foram convincentes, e foi apontado o desprovimento da decisão da Comissão de Graduação de embasamento e representatividade adequados para uma decisão institucional deste porte, sendo a discussão reconduzida em sessão extraordinária da Congregação da FMUSP, que deliberou por unanimidade a revogação de quaisquer mudanças na FUVEST 2010, e a reinclusão de física como prova específica no terceiro dia da segunda fase do vestibular.

Extensão

Sob a óptica do pilar da extensão, é importante ressaltar que neste primeiro momento, a discussão não aborda o mérito da decisão entre a preferência por física, geografia ou qualquer outra matéria específica para o terceiro dia da segunda fase da FUVEST. Muito mais importante do que definir qual matéria será cobrada na prova é entender o que a faculdade deseja de seu futuro ingressante, discutir o modelo de estudante que almeja, e o futuro profissional que ela pretende formar para a sociedade. Não se trata de uma questão simples, e apesar de parte dela já ter se iniciado, muito mais complexa será a condução das ações da faculdade no sentido de moldá-la para atingir tais objetivos.

Não cabe, portanto, no curto período outorgado para a deliberação de modificações no processo seletivo, a tomada de qualquer alteração neste concurso, pois suas modificações implicam o conhecimento dos diversos atributos discriminados em um exame, como habilidades cognitivas e não cognitivas, para que se definam quais deles serão essenciais na seleção dos futuros médicos, em função das premissas da Faculdade de Medicina e da USP.

Pelo sentido de universidade - derivada do latim *universus* - que a USP incute em seus alunos, acredita-se que a realização de mudanças no vestibular deva visar a adequação da seleção às diretrizes de perfil dos estudantes

estabelecidas no bojo da faculdade e da universidade. Ainda que não se tenha estudos claros do perfil de estudante que a FMUSP deseja, as discussões apresentadas vêm a contribuir para o acúmulo e debate apropriado sobre o tema. Chegou-se a cogitar um modelo de vestibular diferente do proposto atualmente, em que todos os estudantes respondessem a uma mesma prova, com a devida dificuldade, que arguiria os conteúdos essenciais do ensino médio, como é proposto na carta da Comissão de Graduação da Faculdade de Medicina à Pró-reitoria de Graduação da USP.

Apesar de não existir consenso nas tantas propostas relacionadas ao tema, realizar tal discussão é algo muito positivo. Entretanto, ela deve existir independentemente de motivações geradas por necessidades prementes de se instituir mudanças a todo custo, sem que se ponderem as consequências institucionais derivadas de mudanças de cunho experimental.

Ensino

Sob o aspecto do pilar do ensino, o terceiro elemento a ser ventilado é o impacto que o vestibular causa no ensino médio. Segundo o artigo 51º da lei de diretrizes e bases da educação nacional, promulgada em 1996, "as instituições de educação superior credenciadas como universidades, ao deliberar sobre critérios e normas de seleção e admissão de estudantes, levarão em conta os efeitos desses critérios sobre a orientação do ensino médio, articulando-se com os órgãos normativos dos sistemas de ensino"

Conscientes que a prova da FUVEST é para muitos um paradigma em processos seletivos de acesso ao ensino superior, muitas escolas elaboram seus conteúdos programáticos em função das matérias exigidas por esse vestibular. Cursos e escolas privadas elaboram simulados tomando-se como ponto de partida a estrutura do referido concurso.

Além disso, a FUVEST, ao longo de vários anos, tem construído uma imagem de seriedade e lisura em relação à elaboração das provas e condução de seus processos seletivos.

Comunicar à sociedade uma mudança no formato de provas, e principalmente, nos conteúdos mais exigidos por cada curso, cerca de cinco meses antes das datas do vestibular certamente prejudicará a confiança e respeitabilidade adquiridas pela FUVEST ao longo de seus anos de existência.

Os estudantes que prestarão vestibular esse ano vem se preparando para as provas há três anos. A alteração na forma de cobrança, com a in-

clusão de questões interdisciplinares e alteração dos pesos para cada área desestabiliza toda uma geração de vestibulandos, além de deixar à deriva as instituições de ensino, principalmente as públicas. Isso porque as escolas particulares e os cursinhos estão se adequando às novas regras, mas permanece a questão: será que as escolas públicas também estão se adequando? Estão fazendo com que seus alunos desenvolvam raciocínio, lógica, argumentação?

Encaminhamentos

A mudança é fundamental para o progresso da sociedade. Entretanto, seu processo é algo complexo e demorado. Ainda mais quando envolve um contingente importante, como é o caso

do acesso à USP. Dessa forma, não se pode aceitar que elas ocorram a todo custo, se não forem de acordo com as vontades da instituição.

A Congregação da FMUSP, convocada extraordinariamente em 5 de junho de 2009, deliberou, por unanimidade, exigir a revogação das mudanças no processo seletivo ao vestibular 2010 realizado pela FUVEST e a reinclusão de física como prova específica do terceiro dia da segunda fase, por acreditar que não houve adequada exposição e debate sobre o tema. Argumentou-se que a tomada de qualquer decisão poderia significar a alteração do modelo atual, gerando consequências não esperadas pela faculdade, devido ao alegado caráter

experimentalista das propostas.

Faz-se necessária a discussão e aprofundamento urgentes do tema exposto, no sentido de se trilhar o perfil ideal de estudante e futuro profissional que a Faculdade de Medicina almeja. Para isso, deve-se buscar fundamentos, pesquisas, realizar fóruns nas diversas instâncias acadêmicas da universidade, convidar especialistas para dissertar sobre o tema, de sorte que a decisão da FMUSP seja procedente com a visão e os valores da faculdade.

A trajetória da Universidade de São Paulo sempre foi acompanhada de discussões acaloradas em suas propostas e ações, fazendo com que o confronto de diferentes opiniões construisse um debate consistente para a pro-

mulgação de deliberações que efetivamente ressoassem as expectativas do ambiente universitário. Esse cuidado fez com que a USP se consolidasse como uma das instituições de referência no ensino superior. Nesse sentido, não se pode admitir que decisões sejam tomadas às pressas, sem o respectivo aprofundamento, pois a criação de um mecanismo paralelo à coleta de diferentes opiniões pode criar um vetor de disseminação de um modelo decisório alheio ao ratio decidendi necessário às resoluções da universidade.

Arthur Hirschfeld Danila é acadêmico da FMUSP, Conselheiro da gestão CAOC 2009 e Representante Discente na Congregação da FMUSP.

CARTA DA COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DA FMUSP À PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO DA USP

São Paulo, 12 de março de 2009

Ilma Sra.

Profa. Dra. Selma Garrido Pimenta
Pró-Reitora de Graduação da USP

Prezada Professora,

A Comissão de Graduação da Faculdade de Medicina reuniu-se em 9 de março, e discutimos as propostas de mudança no vestibular da Universidade de São Paulo.

Consideramos importante que o sistema de ingresso na USP seja sempre avaliado e aperfeiçoado. Um aspecto do vestibular que consideramos fundamental que seja revisto é a existência de provas diferentes para as diferentes carreiras durante a segunda fase do vestibular. Talvez essa tradição esteja em desacordo com as outras políticas da USP de valorização do ensino do primeiro e segundo graus.

Propomos que, no vestibular da FUVEST, as provas sejam as mesmas para todos os candidatos, sinalizando, assim, que a Universidade de São Paulo exige uma formação ampla, em todas as matérias do segundo grau, para todas as carreiras. O conhecimento mais aprofundado em alguma área específica deveria ser objeto do ensino na Universidade e não exigência do vestibular.

No caso da Faculdade de Medicina, para os nossos quatro cursos (Medicina, Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional), preferimos não optar mais por provas de Matemática, Física, Geografia ou História, mas que os conhecimentos dessas áreas sejam igualmente exigidos dos candidatos.

Quanto às notas da primeira fase, consideramos que elas deveriam ter um peso, não serem excluídas totalmente. Um número maior de provas pode permitir uma avaliação mais global dos candidatos.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Milton de Arruda Martins
Presidente a Comissão de Graduação

CARTA DOS ALUNOS À CONGREGAÇÃO DA FMUSP

São Paulo, 05 de junho de 2009

Ilustres Senhores Congregados,

Insatisfeitos com as notícias sobre as mudanças do concurso vestibular da FUVEST os alunos desta casa se reuniram em Assembleia nos dias 27 de maio e 3 de junho e, como representantes discentes, trazemos aos senhores Congregados

a opinião dos alunos.

Somos contra a inserção da prova de Geografia no conjunto de conhecimentos específicos no exame de segunda fase da FUVEST para medicina no ano de 2009. Entendemos que uma mudança desse porte, comunicada à sociedade apenas 6 meses antes do exame, prejudicará a respeitabilidade e a justiça do vestibular, além de mudar o perfil do aluno ingressante sem a ampla discussão sobre o interesse da Casa nesta mudança. Acreditamos na necessidade de constante renovação e aperfeiçoamento dos métodos, mas o debate sobre o mérito da mudança e seus impactos deve preceder a decisão institucional. Somente após este debate estaremos seguros que a mudança vem para o bem da nossa FMUSP e não por experimentalismo.

Propomos à congregação que a prova de Física seja mantida no conjunto de matérias de conhecimento específico no exame vestibular para medicina e que ao longo do segundo semestre de 2009 o tema da mudança do nosso vestibular seja profundamente debatido nesta casa, a fim de embasar a decisão institucional de mudar ou não o processo seletivo.

Representantes Discentes de Graduação na Congregação da FMUSP

MOÇÃO DA CONGREGAÇÃO DA FMUSP

A Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo vê com preocupação a mudança da estrutura das provas do vestibular da FUVEST, ocorrida num exíguo espaço de tempo e de maneira açodada, sem que houvesse o necessário aprofundamento dos debates acerca de um processo que interfere na vida de milhares de pessoas que estão se preparando para o ingresso num curso do ensino superior. A FMUSP considera imprescindível que sejam observadas as boas normas da conduta acadêmica que devem ser adotadas em situações como essa, quando as condições para o salutar debate das ideias devem ser respeitadas.

A Congregação da FMUSP, reunida em sessão extraordinária no dia 5.6.2009, por unanimidade dos seus membros presentes (setenta e dois) deliberou:

1. Solicitar aos órgãos competentes da Universidade de São Paulo, a imediata revogação da decisão de substituir a prova de Física pela de Geografia, na segunda fase do exame da FUVEST para ingresso nesta Faculdade e a reinclusão da prova de Física entre as matérias exigidas na segunda fase da FUVEST.

2. Reiterar os termos do ofício encaminhado pelo Prof. Milton de Arruda Martins, Presidente da Comissão de Graduação da FMUSP, à Profa. Selma Garrido Pimenta, Pró-Reitora de Graduação da USP, em 12 de março de 2009 (cópia anexa).

3. Endossar os termos da "Carta dos Alunos à Congregação da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo" (anexa).

São Paulo, 05 de junho de 2009.

Prof. Marcos Boulos
Diretor FMUSP

O Erro do Titã

Aborto: as duas faces da moeda

Paradoxo. Quando a morte encontra o começo da vida. A história não cansa de consagrar um tema não menos contemporâneo: a morte daqueles que nem bem degustaram uma existência independente. Vale lembrar, nos anais da mitologia grega, o conto de como Cronos (pai do panteão pagão) pôs fim, de maneira grotesca, à vida de sua prole antes que tocasse o solo: com medo de ser subjugado pelo seu próprio sangue, comeu seus filhos. Desperta a questão... Até que ponto nossos interesses, nosso juízo e necessidades justificam dar término a uma forma de existência tão tenra e inexperenciada? Eis a indagação que ecoa nas inesgotáveis discussões sobre a validade do aborto. Afinal... abortar é uma alternativa ética?

Co-autores: Bruno Miguel Muniz Oliveira (96) e Gabriel Taricani Kubota (96) Revisor: Fernando Barros Esquerro (96)

Um conjunto amorfo de células. Assim quis Deus que viesse mos ao mundo. Mas, a partir de quando esse aglomerado ganha o status irrefutável de ser humano? Fugindo das especulações metafísicas tão logo invocadas pelos religiosos ao som dessa polêmica, não há muito que difere o feto de um homem com aquele de um cachorro, de um rato, vá lá, de uma minhoca. Ora... O que é único e intrínseco ao bicho homem? A neurofisiologia traz à luz uma consideração razoável: a capacidade de cognição, id est, o potencial de denominar o mundo à volta, de traçar deduções lógicas e emocionais sobre ele, de efetivamente poder vivê-lo na plenitude de sua consciência. Seria mesmo um feto capaz disso? Provavelmente não... Minto! Certamente não a atividade eletroencefálica só começa a partir da 8ª semana de vida. E mesmo assim está longe do que podemos considerar de atividade nervosa superior plena. Diz-se de passagem para aqueles que não consideram o desenvolvimento encefálico argumento válido para o início da vida: esse argumento é o que define nos trâmites legais nacionais o seu fim.



Pois bem... Consideremos uma semente. Uma semente não é uma árvore. Também um feto não é na sua totalidade um homem (não fala, pensa, move-se voluntariamente...), é uma realidade à parte à do ser humano. Mas é uma realidade meramente transitória! Sem semente não há árvore! Ergo, sem feto não há homem! Se cogitamos pôr fim à vida de um "aglomerado de células" que um dia virá a ser um humano, qual o verdadeiro valor que damos à vida? A vida começa do começo: tirar a potencialidade considerável de gênese de um ser humano autônomo é o mesmo que tirar-lhe a vida quando já o é. Ademais, se não considerarmos a vida desde seu começo, considerá-la-emos quando? Quando da implantação, do início da neurogênese, da sinaptogênese, da atividade nervosa superior? Sem nidação não há neurogênese, sem neurogênese não há sinaptogênese e assim por diante. São todos critérios difusos. Hipervalorizam alternadamente etapas sucessivas do mesmo processo. Verdade seja feita: o potencial de gerar-se um homem aumenta ao longo do desenvolvimento fetal, mas é sempre presente.

■ Deixar de rabiscar um pouco sobre a questão da dignidade humana envolvida no ato do aborto seria, de fato, uma negligência imperdoável. Não são raros os argumentos contra aborto que alegam pomposamente que dar término a uma gestação indesejável carrega consigo o mesmo grau de desrespeito ao direito de vida que o homicídio. Eis que se segue a questão: direito a que tipo de vida? Mães que optam por finalizar o desenvolvimento fetal não o fazem apenas por requintes de capricho. Muito ao contrário, a esmagadora maioria têm razões fortes para tal: muitas não têm meios para sustentar a si própria, que dirá a um filho; as pressões da vida moderna também retiram tempo considerável dos pais para que cuidem de maneira apropriada dos filhos. E ainda há mais: não nos esqueçamos daquelas que não queriam engravidar a priori. Não cabe aqui analisar quão valoroso foi para o casal, em cada um dos casos, engravidar; mas fato é: não são poucas as situações descritas. E nessa história, onde ficam as crianças? Muitas vivem condições precárias, não têm acesso a uma alimentação decente, escolaridade - que dirá a perspectiva de um futuro - ; outras, não tão raras, à vista grossa dos "muito atarefados para prestar atenção" pais, ganham os grilhões dos narcóticos. Obviamente não todas, mas muitas acabam largadas pelas ruas, obrigadas a trabalhar de forma desumana na roça ou mendigando nos semáforos, sem considerar aquelas que se amontoam nos escalões da criminalidade. (Menção paralela, mas muito pertinente: após aprovação da lei de aborto a criminalidade na cidade de Nova York despencou). Seria realmente digno permitir com que todo potencial de vida humana concretize-se?

■ A história está repleta de demonstrações de negação dos direitos femininos, fazendo do exercício da cidadania por parte dessa população um exercício incompleto e influenciado pelos mais variados grupos. O desejo feminino de interromper a gravidez depende de fatores sociais, econômicos e de desejos pessoais. Logo, negar tal direito baseado em conflitos ideológicos é injusto e demonstrativo de desigualdade de julgamento. Tal desigualdade de julgamento impõe às mulheres uma carga maior de interferência externa sobre suas vidas

■ Salta aos olhos também a questão da dignidade humana. Ressoa na garganta daqueles que se prostram a favor do aborto, a idéia de que as condições para as quais uma vida vêm ao mundo, mascaradas numa pseudo-dignidade, são irrefutáveis justificativas para o término do desenvolvimento fetal. Muito se esquecem, porém, de que procurar parâmetros para valorizar uma vida em relação à outra foge de qualquer estatuto de moralidade concebível. Seria o mesmo que alocar a felicidade apenas a um grupo privilegiado de pessoas: as ricas, mais belas, dotadas de algum talento. Notadamente, trata-se de um conceito errôneo. Tanto a felicidade mais depende daqueles que a buscam do que da situação em que estão inseridos, quanto a dignidade de uma pessoa vai muito além da sua estrutura familiar, condição financeira, acesso à escolaridade, perspectiva de futuro. Engloba sim todos os aspectos mencionados, mas também a capacidade de desenvolver-se na plenitude de sua autonomia, de seu ego sentimental, lógico, coletivo. Dignidade verdadeira é poder, por si, decidir sobre os caminhos que se percorre, não importando os obstáculos que pela frente encontramos. E essa dignidade essencial é simplesmente obliterada quando se põe fim a uma vida antes mesmo de ela ter começado. Pergunte a qualquer miserável, qualquer doente terminal, qualquer analfabeto, se gostariam de nunca ter existido. Pouquíssimos diriam que não (e provavelmente aqueles que assim o respondessem não deram devido pensamento à questão). E se ainda está em dúvida, pergunte à constituição: "Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade"

■ Frequentemente associa-se o aborto como materialização de um desejo ou vontade da gestante. Essa, tendo autoridade absoluta e incontestável sobre seu corpo, poderia decidir pelo aborto, assim como decide seguir determinada linha terapêutica. Ambas as decisões são referentes a seu corpo e a única função do médico, mesmo que não concorde com o que está sendo praticado, com o que se está deixando de fazer, é alertá-la dos riscos intrínsecos de sua decisão. Entretanto, classificar o aborto como

do que sobre a vida dos homens, o que é inconstitucional. Vale lembrar que não existem medidas de controle da vida reprodutiva dos homens, sendo a negação do direito ao aborto o exemplo máximo do controle sobre a vida reprodutiva das mulheres. O Estado, ao negar à mulher o direito de realizar um aborto, cria normas que, na verdade, restringem a liberdade de escolha das mesmas. Ora, impedir a mulher de exercer autoridade sobre seu corpo é impedi-la de exercer sua cidadania, o que nada mais é do que negar sua humanidade.

■ Uma preocupação também renitente quando se trata de aborto é a possibilidade da reificação da vida humana. Assume-se que tratar o feto como um descarte biológico à mercê de terceiros interesses leva a desumanização do ser. Conceito completamente distorcido, uma vez considerado que, como já mencionado, realizar o término de uma gestação significa também garantir de certa forma uma maior dignidade àqueles que efetivamente vêm à luz. Ou seja, muito ao contrário de desumanizar o feto, abortar nada mais é do que reconhecer e valorizar o que ele pode vir a tornar-se (embora ainda não o seja). Ademais, legalizar o aborto não significa consenti-lo em todas as ocasiões. Com consentimento social e legal da prática, ela seria submetida a uma regulação, com devida valorização da seriedade do assunto tratado. Longe da banalização do ato, a regulamentação o traria à luz do consciente social a questão, revalorizando-a perante o indivíduo comum.

■ Segundo a Constituição Brasileira de 1988, o aborto é permitido em situações que colocam em risco a vida da gestante, ou quando o feto é originário de um estupro. Tais situações são especiais e mostram que, apesar de atrasada nesse tópico, a legislação brasileira progrediu. No entanto diversas outras situações, em que o aborto não é permitido, merecem reflexões. No caso de fetos anencéfalos, por exemplo, cuja sobrevivência pós-parto é extremamente baixa e curta, o aborto não é legal. Mas qual a real necessidade de submeter a mulher a uma gravidez cujo risco é maior e que culminará na morte do feto logo após o nascimento? Seguindo tal linha de pensamento, a Justiça já autoriza a maioria dos requerimentos por abortos de toda e qualquer patologia fetal incompatível com a vida. O papel do médico, nessa situação, é ser honesto na apresentação dos parâmetros de sobrevivência do feto e das comorbidades associadas à gravidez, além dos riscos obstétricos no parto e pós-parto. Mas deve ser garantida a ele segurança na realização de seu trabalho, já que mesmo quando da prática legal do aborto, o profissional da saúde pode enfrentar preconceito e hostilidade.

■ Por fim, as repercussões da legalização do aborto também são muito favoráveis no panorama atualmente observado quando se trata do tema. Enquanto não reconhecido pela sociedade como uma prática legal, o aborto permanece na obscuridade. Afinal o fato de algo não ser legal está muito longe de tal não ser realizado, especialmente quando jaz por traz necessidades inignoraáveis por parte de quem os executa. Além da falta de esclarecimento da população sobre a técnica, ao relegar a sua realização ao submundo, expõe-se a mulher que tenha optado pelo aborto a condições insalubres, possivelmente perigosas. Por outro lado, mediante a liberalização e institucionalização da prática garantiria-se que o término da gestação ocorresse da maneira mais digna e ética possível. Como já dito, tornaria também o procedimento sujeito a uma regulamentação adequada; e não injusta e imoral, como ocorre enquanto ele permanece na obscuridade do submundo. Vale ressaltar também que legalizar não significa tornar mandatório ou incentivar. Muito ao contrário... Significa garantir o direito de escolha e manifestação da própria opinião ao cidadão.

O aborto é sem dúvida uma das questões mais inflamatórias e controversas em pauta nas discussões éticas, morais e sociais da modernidade. Sua magnitude torna-se ainda mais relevante quando consideram-se os profissionais de saúde, fadados a sentir na pele o ardor do dilema no seu dia-a-dia. Tão grande a sua complexidade e impacto, porém, que de fato não é simples extrair do agitado debate uma opinião sólida, seja ela a favor ou contra. Mas uma opinião formada para o assunto talvez não seja o que mais se necessita. Ao contrário, essencial é participar do questionamento, indagar-se e considerar-se as várias posições presentes sobre o tema. A mitologia aqui guarda uma importante lição. Cronos, ao deglutir um por um dos seus filhos, desconsiderou, no ápice de sua totipotência egocêntrica, a opinião de sua esposa, Réia. Resultado: na vez de Zeus ser ingerido, Réia deu a Cronos uma pedra ao invés do filho. O pai dos Titãs, demais auto-confiante não percebeu o golpe, permitindo com que seus temores tornassem-se verdadeiros: Zeus, crescido, subjugou Cronos tomando posse do Olimpo. Também nós encontraremos um futuro sombrio se optarmos por nos limitar a uma única visão, mais cômoda porém menos esclarecida, e nos abstermos do debate.

sendo direito da mulher, é omitir a existência de direito por parte do feto. Conforme discutido acima, é passível de crítica a tentativa de determinar a partir de que momento o feto passa a ter "direito à vida". Segundo a lógica de que o corpo é da mãe e, portanto, dela a decisão, o aborto deveria ser permitido até o nono mês da gravidez. No entanto, seriam os poucos minutos, que separam um feto com nove meses na barriga de sua mãe de um recém nascido, os determinantes do direito à vida? Senão, quando a linha que separa a potencialidade de se tornar um ser humano de um ser humano de fato é ultrapassada? Até o momento tais questões não foram respondidas de maneira aceitável, logo o desejo da gestante de interromper a gravidez não pode ser tomado como válido, já que há o risco de sobrepor a vontade materna à vontade do feto, o que não pode ser caracterizado como algo que não homicídio.

■ Constitui um sólido alicerce da argumentação contra o aborto, a questão da criação de uma "cultura da morte" mediante a coisificação do feto. Estimular a prática de abortos estabelece no consciente coletivo a idéia de que o feto nada mais é do que algo descartável de acordo com as necessidades e caprichos dos genitores, particularmente da mulher (que sofre o processo de gravidez). Mais do que isso, revive a ideologia da escravidão. Se terminar uma gravidez ou não está sob o julgo de quem a gerou, também significa que o fruto dessa gestação o está. Isso é, a vida da prole pertence a seu senhor, o casal; conceito evidentemente arcaico e deplorável nos anais da contemporaneidade (além de inconstitucional, voltando a referir-se o artigo 5º). Além do feto em si, vem a idéia da vida contida nele. Se é válido decidir-se, segundo a própria conveniência, sobre a vida do homem que está por vir, quão distante estaremos de consentir na determinação, de forma não menos egocêntrica, da vida do homem que é, em outras palavras, no homicídio?

■ "Do mesmo modo não darei a nenhuma mulher uma substância abortiva". O trecho acima, presente no juramento de Hipócrates revela não apenas um parâmetro de comportamento médico, mas também o conflito no qual estão inseridos os profissionais de saúde em relação ao aborto. Na medicina, aprende-se que o mais importante é a vida do paciente, e que esta deve ser valorizada a todo preço. No entanto, quando temas polêmicos, como o aborto, são tratados, de que maneira comportar-se? Segundo aquilo que a justiça autoriza e classifica como correto, ou segundo a percepção individual do que deve ser feito? Felizmente a classe médica tem respaldo em seu Código de Ética sobre situações como esta. Assim, aqueles que entenderem que a realização de um aborto contraria o treinamento recebido ao longo da vida profissional, em defesa da vida, podem recusar-se a realizar atos médicos que, embora permitidos por lei, sejam contrários à sua consciência.

■ Por último é necessário ressaltar as conseqüências de permitir a legalização dessa prática na sociedade. Fazê-lo seria tornar o aborto mais acessível à população, reduzir de forma indevida sua gravidade e a imoralidade presente no ato, e, incentivar a sua execução sem devida consideração. Afinal, convém ao leitor que, no âmbito do consentimento social brasileiro habita a máxima "se é de lei, pois então é certo". Mais do que isso, seria um passo para frente no sentido de relativizar conceitos tão bem definidos nas leis de uma democracia moderna: o direito à vida, à autodeterminação. Também, aos que evocam a idéia de que por meio da legalização do aborto garantiria-se condições salubres e regulamentação para a sua execução, vale a analogia com o homicídio ou a pedofilia. Oras, legalizar essas práticas garantiriam certamente melhores condições aos então não mais criminosos, além de regrar até certo ponto suas ações, definitivamente diminuindo excessos deploráveis. Mas, momento para reflexão permitido, isso tornaria o homicídio e a pedofilia mais éticos? Mais.... Nessa história toda, o que pensar das vítimas?

Dinâmica - um começo promissor

Nova atividade mostrou-se promissora e bastante satisfatória

*Ariel Testassica Trunkel (96) e
Flavio Mitio Takahagui (96)*

Como prometido na edição de abril, falaremos sobre os resultados e boas notícias da atividade pioneira da extensão médica acadêmica (EMA), a realização das dinâmicas, buscando a promoção da saúde e a prevenção das doenças.

A idéia surgida no ano anterior tornou-se finalmente concreta nos dois locais de atendimento, Fundação Julita (Jd. São Luís) e SASP (Penha), e obteve resultados impressionantes e promissores, sem dúvidas muito mais interessantes do que imaginávamos! Sorrisos e gargalhadas ecoavam pelas salas de atendimento, denotando a felicidade de nossos participantes. Jamais poderíamos prever tamanho grau de envolvimento de nosso público, a maioria senhoras de meia ou terceira idades, que além de aprenderem muito com a atividade tinham muito a ensinar.

A participação de todos era tão intensa que criou um bom andamento, no qual pouco precisamos interferir.

Cada uma comentava sua visão de saúde e, no final, conseguimos construir um rico conceito de saúde com visão plural. Dicas simples e voltadas para o dia-a-dia surgiam tanto de nosso lado quanto da parte de nossos "ouvintes", mostrando-se essas muito interessantes para futuras orientações para nossos pacientes.

Neste primeiro semestre foram realizadas as seguintes dinâmicas: Promoção à saúde, Hipertensão na cozinha e Saúde da mulher, sendo esta última realizada com a tradicional Campanha da Papanicolaou no Julita e está para ser realizada no dia 29 de agosto no SASP. Ainda planejamos realizar outras importantes dinâmicas como Lombalgia, Depressão e Diabetes, condições de grande recorrência em ambas as unidades, e que mostraram-se, através das pesquisas passadas ao final de cada atividade, de interesse para o público. Essas pesquisas também mostraram o quanto ficaram satisfeitos com essa nossa nova atividade, com a maioria absoluta dos participantes demonstrando contentamento, satisfação, além de se mostrarem muito à vontade para



participarem, como demonstra em sua fala Lindinalva Borges Moura, paciente da panela D: "Gostei muito da brincadeira, foi muito boa, a gente esquece dos problemas da casa, fica mais solto, se sente como em casa."

Outro fator muito interessante surgiu, quando conversamos com nossos ouvintes. Eles relatavam que além de seguir a dica, iriam espalhá-las entre parentes, amigos e conhecidos. Por meio de nossos pacientes conseguiríamos um alcance muito maior dentro das comunidades. Para demonstrar isso, trancrevemos o que nos foi dito por Maria do Carmo Leal Pinheiro, paciente da panela E: "Foi muito bom, maravilhoso. Venham todos participar. Aprendi bastante, gostei de todos os assuntos. Logo que chegar em casa vou falar com a família e vizinhos."

Apesar de sucesso, encontramos alguns problemas durante a realização: por não termos divulgado tão amplamente, o público não foi tão grande quanto gostaríamos. Obtivemos que a maioria de nossos participantes eram nossos próprios pacientes. Além disso, houve uma menor adesão de voluntários do que

o esperado. São fatores para serem pensados e trabalhados para as próximas ocasiões, para que possamos aprimorar cada vez mais nossa ação.

De uma maneira geral, resta apenas confirmar que todas as atividades foram realizadas tendo como princípio a interatividade, claro que cada uma sendo ajustada de acordo com a liberdade que o tema propiciava. Sempre foram realizadas conjuntamente entre a Medicina e a Fisioterapia, aumentando a integração entre os cursos, fator que constantemente buscamos.

Alguns outros resultados da dinâmica poderão ser observados apenas futuramente, quando conversarmos com os pacientes, e observarmos o quanto seguirão as recomendações e o quanto recomendarão e também a atividade.

Por enquanto fica a certeza dos bons resultados e as gargalhadas, que ecoaram nas salas e também ecoam na mente dos voluntários que participaram da dinâmica.

*Ariel Testassica Trunkel e
Flavio Mitio Takahagui são acadêmicos da FMUSP.*

Dilema no campus

A polêmica em torno do projeto UNIVESP

Vitor Ribeiro Paes (95)

No início deste mês, o Sindicato dos Trabalhadores da Universidade de São Paulo (Sintusp), iniciou uma greve e, dentre suas exigências, estava o fim do projeto Univesp. Esta demanda também estava presente dentre as promessas da gestão "Nada será como antes", do Diretório Central dos Estudantes "Alexandre Vannucchi Leme" (DCE-USP). Mas, afinal, o que é a Univesp? Por que se investe tanto neste projeto? Quais seriam os prejuízos deste projeto?

De início, deve-se compreender em que situação surgiu a idéia da Universidade Virtual de São Paulo (Univesp). O primeiro estímulo para a criação da

Univesp é a necessidade de ampliação de vagas nas universidades públicas do Estado (USP, Unesp e Unicamp) para suprir o mercado de trabalho, em especial no que concerne ao ensino infantil e médio (36% e 27,2% respectivamente, segundo o INEP). O aumento de vagas, entretanto, exigiria o uso de recursos humanos e financeiros indisponíveis no momento. Somem-se a isso a grande quantidade de professores do ensino fundamental sem formação em Pedagogia e a crescente tendência mundial de ensino a distância, em especial com a difusão da Internet e da TV Digital - no interior da Austrália, por exemplo, essa é uma das principais formas de educação.

Neste contexto, as três grandes instituições de ensino superior do Es-

tado, em associação à Fundação Padre Anchieta (que mantém a TV Cultura) e com o apoio da Fundação para o Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), criaram uma cooperação - a Univesp (que, desde já deve se ressaltar, não é uma instituição isolada ou independente), cujo objetivo é fornecer à sociedade uma nova possibilidade para formar os professores ou capacitá-los. Serão disponibilizadas 360 vagas para o curso de Licenciatura Ciências, e o processo seletivo, cuja inscrição custará R\$30,00, será realizado no dia 02 de agosto, pela Fuvest, através de uma única prova com 50 questões de múltipla escolha e uma redação. O curso, coordenado pelo Prof. Dr. José Cipolla-Neto, se iniciará em outubro

deste ano, durará oito semestres, e será organizado através de aulas através da Internet e da TV Univesp (coordenada pela Fundação Padre Anchieta) durante a semana e aulas presenciais, com práticas e laboratórios de ensino nos Ambientes Interativos de Aprendizagem, aos sábados. Espera-se que, em 2010, o processo para o ingresso neste curso seja realizado através da avaliação tradicional da Fuvest.

As vantagens do projeto são, de acordo com seus defensores (em especial o governador, os reitores e os professores envolvidos no projeto), bastante evidentes: através deste projeto, pode-se iniciar alguma melhora nos estratos mais básicos do ensino, uma das pressões exercidas pela sociedade sobre as últimas gestões dos governos

estaduais. Além disso, a maior oferta de professores para o mercado, com uma formação gabaritada como se propõem a oferecer as três universidades, permitiria a expansão do ensino para regiões em que este é ausente ou inoperante. Outras vantagens seriam a criação de um modelo de educação a distância que poderia ser adotado em outros Estados ou pelo governo federal e os avanços na tele-educação, que permitiria o acesso de seu conteúdo não apenas aos matriculados, mas a estudantes e interessados em geral.

Entretanto, mal se avizinhava o

início do funcionamento da Univesp, iniciaram-se as críticas ao projeto, em especial pelo Sindicato dos Trabalhadores da USP (Sintusp), pela Associação dos Docentes da USP (Adusp), por vários Centros Acadêmicos e pelo Diretório Central dos Estudantes (DCE-USP). De acordo com estes órgãos, o projeto (implantado, segundo estes órgãos, de forma autoritária e sem discussão prévia) abre, de forma irresponsável, uma quantidade de vagas muito grande em pouco tempo, sem avaliação das necessidades do mercado (segundo membros do DCE, a falha não é a quantidade de

licenciados, mas os estímulos para que estes se destinem ao ensino público), o que poderá prejudicar a qualidade do curso. De acordo com eles, a própria estrutura do curso per se - priorizando o ensino à distância - é falha e torna a qualidade do curso questionável, além de, segundo os setores mais extremistas, permitir ao governo cortar gastos com os funcionários e os professores, que seriam substituídos pela Universidade Virtual. AAdusp também alega que, como não serão contratados novos professores para conduzir adiante o projeto, haverá sobrecarga dos que já tra-

balham na Universidade atualmente, levando ao prejuízo a longo prazo das atividades "concretas" da Universidade.

Independente das razões alegadas para implementar ou não a Univesp, a questão é que ela agora é uma realidade do Ensino Superior, e será colocada à prova no final deste ano. Resta saber se haverá sucesso durante sua trajetória e se, caso ocorram falhas, se elas serão corrigidas, para que os prejudicados não sejam o ensino básico e a sociedade como um todo.

Vitor Ribeiro Paes (95) é acadêmico da FMUSP.

EREM 2009 - Tempo de mobilização

Guilherme Kenzzo Akamine (97)

A diversidade de tipos de eventos que ocorrem no EREM - Encontro Regional dos Estudantes de Medicina - é algo a se elogiar. Além da importante parte que trata dos assuntos acadêmicos - como a posição do movimento estudantil frente aos exames do CREMESP e ENADE, as reformas das Diretrizes Curriculares da graduação em medicina ou, ainda, oficinas sobre ligas, estágios e projetos de iniciação científica das diferentes faculdades -, percebe-se, positivamente, que a palavra de ordem ali é "integrar"

Nesse ano, o tema que norteou as pautas das palestras e dos debates foi "Medicina para quem?". A proposta do tema foi pensada tendo em vista requisições dos diversos acadêmicos que gostariam de participar de espaços de discussão com temas inerentes à nossa formação médica, de como nós, estudantes de Medicina, estamos sendo formados e para quem é voltada nossa formação.

Sediado em São José do Rio Preto (SP) pelo CAEZ (FAMERP), o evento ocorreu nos dias 29 a 31 de maio, contando com a presença de estudantes de faculdades dos Estados de São Paulo e Paraná, abrangidas pela chamada divisão regional Sul-2. Dessa forma, o Encontro é uma excelente oportunidade para a troca de experiências entre os graduandos, permitindo uma maior articulação entre os Centros Acadêmicos de diversas faculdades e definindo mais eficientemente as posições que o movimento estudantil irá adotar frente às realidades apresentadas pelos discentes de cada instituição.

Devido ao fato de ser um evento regional, há o cuidado de que as pautas discutidas atendam e sejam plausíveis à realidade dos estudantes de medicina desses dois Estados, visando à participação não só de membros de CA/

DA's, de pessoas ligadas ao movimento estudantil e de outros acadêmicos, mas também dos calouros que desejassem tomar um primeiro contato com a realidade de sua e de outras faculdades.

E o Encontro é muito proveitoso mesmo para um calouro que talvez se sinta um pouco perdido no que concerne às bandeiras de luta, aos princípios e afins do movimento estudantil como um todo. É uma oportunidade valiosa para se situar com mais propriedade nas questões que são - ou, pelo menos, deveriam ser - de interesse de todo o aspirante à carreira médica.

De grande utilidade, também, foram as oficinas que trataram das ligas e pesquisa acadêmicas conduzidas por um membro do CAEZ, que muito acrescentaram com informações sobre como a FAMERP - que se mostrou bem avançada nesse quesito, diga-se de passagem - organiza esses projetos frente aos seus alunos, assim como esclareceram dúvidas importantes, tanto de calouros como de veteranos, que iam surgindo durante a palestra.

No que diz respeito aos debates, o discurso do movimento estudantil foi predominantemente reacionário às condições de trabalho a que grande parte dos médicos se submetem, notadamente, a carga horária extensa que faz cair a qualidade do atendimento, a estipulação de número mínimo de pacientes que devem ser atendidos num pequeno intervalo de tempo para suprir uma demanda, a inserção do médico na lógica do mercado de trabalho, entre outras abordagens.

Outros tópicos abordados nas mesas foram a crise dos Hospitais Universitários de Ensino e de seus modelos de gestão, a discussão sobre internato e residência médica, a situação atual das faculdades públicas e pagas e a determinação social da saúde (e aí fica difícil não tocar no problema dos planos de



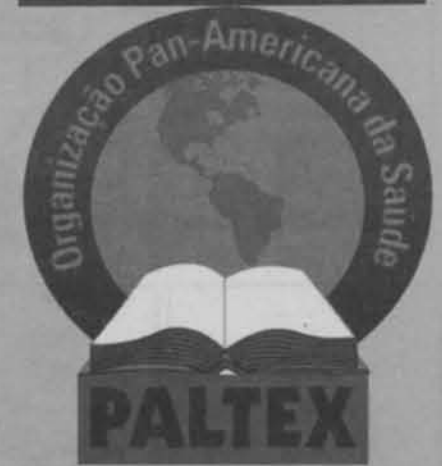
saúde) com um viés na formação política do profissional. Cada mesa contou com professores especialistas e também com representantes, convidados de várias faculdades, que mostraram grande conhecimento dos assuntos.

Além desse contato de cunho mais acadêmico, a FAMERP, faculdade anfitriã, incumbiu-se de organizar duas festas - uma das quais foi a tradicional "50 cents", onde toda bebida custa R\$0,50 para promover uma integração mais completa entre os participantes, possibilitando-nos conhecer um maior número de pessoas em clima de total descontração, sem as tradicionais rixas entre as faculdades de medicina.

O grande potencial para um intercâmbio de informações e experiências que o Encontro proporciona é surpreendentemente enriquecedor. É com esse tipo de evento que os Centros Acadêmicos, através de um "empréstimo" de idéias, se corrigem mutuamente, fazendo progredir de maneira gradual as respectivas instituições das quais fazem parte. E mais, é com esse tipo de evento, também, que o movimento estudantil se articula de maneira mais eficiente e assim se fortalece para se posicionar contra uma possível impassibilidade por parte dos estudantes frente aos rumos que a Medicina está tomando.

Guilherme Kenzzo Akamine é acadêmico da FMUSP.

PREZADOS ALUNOS



Este comunicado é para informar que as atividades do Posto de instrumentos e livros da ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, conhecido como programa PALTEX, estão sendo realizadas na USP-FACULDADE DE MEDICINA na Biblioteca, 3º andar, sob a responsabilidade da Sra. Gildete, telefone: 3061-7265, no horário da tarde.

Para os alunos que ainda não conhecem o PALTEX (PROGRAMA AMPLIADO DE LIVROS DE TEXTO E MATERIAIS DE INSTRUÇÃO), este é um programa da OPAS (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE). Trata-se de um programa sem fins lucrativos, cujo objetivo fundamental é apoiar na formação de recursos humanos de qualidade na área de saúde. Todo material oferecido (livros e instrumentos) é repassado a um preço mais acessível ao aluno, estimulando-o melhorar sua formação acadêmica.

Para ilustrar o que você pode encontrar no posto PALTEX, temos vários modelos de estetoscópios, medidores de pressão, oto-oftalmoscópios da marca Welch Allyn, além dos livros básicos para sua formação na área da saúde, a saber, Fisiologia do Guyton, Medicina Interna do Harrison, Patologia do Robbins, Semiologia do Porto, para citar apenas alguns.

Além disso, para os pós-graduandos e professores, há vários livros escritos pela Organização Pan-Americana da Saúde que são muito atuais.

Venha visitar o posto PALTEX em sua universidade. Estamos lhe aguardando no 3º andar da Biblioteca"

CAOCTICA



CAOCTICA

Maurício Menezes

Aben-Athar Ivo (Ivo 96)



Indicador do desenvolvimento econômico de um país	Composto de duas partes Infecção evitada pelo uso de calçado	Fragmento de rocha dura	Ameaça boliviana à Petrobrás, em 2006
Nação "rival" do Paquistão	Bovideo criado em fazendas do Pará	(?) house, loja de jogos eletrônicos	A hora decisiva Fluor (símbolo)
1.750, em romanos	Letra que indica o infinitivo verbal	Pintor surrealista inspirado por Gala	Absorver com o hábito
Guardador do rebanho de Poséidon (Mit.)	Tonelada (símbolo)	A versão bíblica denominada Peshita	Igor Calavera, ex-líder do Sepultura
O poço que dispensa o bombeamento	Lavatório	O valor do imóvel no IPTU	A da morte é constatada pela necropsia
Local das primeiras exibições dos Beatles	Ponto (?), zona erégena feminina	Rio da Suíça	Alvo do golfista, durante o jogo
Importante porto do Sudeste asiático	Sucesso de Milton Nascimento	Dão palpites (gira)	Vitamina eficaz contra o cansaço
Livro grande e enfadonho			

3/Jan./4/Calis./5/Venal./6/Calhau - proteu./7/Sinaca./9/Calhamaço./10/Cavern club. CANCO

XXVIII CONGRESSO MÉDICO UNIVERSITÁRIO COMU FMUSP

Prêmio Oswaldo Cruz
Trabalhos Científicos inéditos nas áreas:
Básica, Cirúrgica, Clínica, Relato de Caso e Medicina Preventiva
Prêmio para 1º Lugar: R\$1000,00
Prêmio para 2º Lugar: R\$200,00

Prêmio Monografias
Trabalhos de revisão bibliográfica
Prêmio para 1º Lugar: R\$1000,00
Prêmio para 2º Lugar: R\$200,00

Prêmio Painéis
Painéis nas áreas:
Básica, Cirúrgica, Clínica e Relato de Caso
Prêmio para 1º Lugar: R\$1000,00
Prêmio para 2º Lugar: R\$200,00

Inédito I Prêmio Gama
Concorrerão os ganhadores do primeiro lugar de todas as áreas do Prêmio Oswaldo Cruz e o ganhador do primeiro lugar do Prêmio Monografias.
Ganhador: R\$5000,00

Inscrições e entrega dos trabalhos: 01 de abril a 31 de julho de 2009
Taxa de inscrição: R\$ 30,00 por trabalho ou painel

Departamento Científico - FMUSP
Av. Dr. Arnaldo, 455 - Subsolo (Metrô Clínicas)
Tel: 3061-7410 Fax: 3061-6276
Site: www.dcfm.usp.com.br/comu

Solução

3			1		
1	9		4		
4	2		9		
			8		7
7					3
5		1			
	7		6		8
	2		5		6
		4			5

